

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Relatório de Estágio

Curso de Segundo Ciclo de Estudos em  
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura

2015/2016

**AS TELEVISÕES DE CLUBES NO ESPAÇO  
MEDIÁTICO PORTUGUÊS - O CASO DA BTV**

**Mestranda**

Ana Machado

**Orientador**

Professor Doutor Luís Bonixe

**Portalegre**

**2016**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Relatório de Estágio  
Curso de Segundo Ciclo de Estudos em  
Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura  
2015/2016

**AS TELEVISÕES DE CLUBES NO ESPAÇO  
MEDIÁTICO PORTUGUÊS - O CASO DA BTV**

**Mestranda**  
Ana Machado

**Orientador**  
Professor Doutor Luís Bonixe

**Portalegre**  
**2016**

## AGRADECIMENTOS

- Em primeiro quero agradecer à pessoa, que num momento complicado da minha vida, em que eu pensei em largar tudo, fez com que eu não desistisse, olhasse em frente e seguisse para uma nova fase, de seu nome, mestrado. Sim foi graças ao meu orientador, Luís Bonixe, que eu segui e não desisti. Obrigado professor por ter acreditado em mim e por nunca me ter deixado cair. Quero também agradecer as horas que perdeu comigo e a paciência que teve para me aturar, pois não é fácil. Obrigada simplesmente por ser quem é, uma pessoa sempre presente, dedicada, e incansável.
- À professora Adriana Mello e à professora Sónia Lamy que me motivaram, aconselharam, apoiaram e estiveram sempre presentes ao longo desta caminhada, incluindo claro, a “aventura” por Lisboa. Obrigada por tudo, pelas palavras mas principalmente pelos gestos.  
Por vezes pequenas (mas grandiosas) atitudes fazem toda a diferença, muito obrigada.
- À minha família (pais, avós, tios e primos), que foram os meus pilares em todos os instantes. Eles viram os meus sorrisos, eles enxugaram as minhas lágrimas, eles acalmaram-me em momentos complicados, eles deram-me o ombro para eu simplesmente descansar um pouco. Muito obrigada por todo o amor e por existirem na minha vida.
- Aos meus amigos, àqueles que eu conto pelos dedos das mãos, eles sabem quem são, uma muito obrigada pelo apoio e por acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava de tudo. Obrigada pelas vossas palavras e por serem quem são, amigos não precisam estar, precisam apenas de ser.
- Quero agradecer à equipa BTV com quem eu aprendi muito durante os cinco meses de estágio e aos jornalistas que colaboraram nas entrevistas. Muito obrigada a todos pela atenção prestada e pela disponibilidade que tiveram para ajudar, tanto na redação como no relatório final.

“Os anjos existem e muitas vezes não possuem asas.”

## **RESUMO**

O surgimento de vários canais oficiais dos clubes têm suscitado alguns pontos de interrogação no que diz respeito ao trabalho jornalístico que se realiza nessas redações, aliás esta é mesmo a questão que envolve estes canais temáticos.

A BTV é um dos canais que têm como principal “representante” o clube que lhe dá nome: Sport Lisboa e Benfica e o facto de representar uma instituição gera tanta discussão na sociedade, como geram os clubes de futebol.

Assim, pretendemos à luz da redação da BTV avaliar o trabalho que é realizado na redação de modo a perceber se o que se faz é jornalismo ou não.

**Palavras-chave:** BTV, jornalismo desportivo, objetividade, imparcialidade, canais oficiais de clubes.

## **ABSTRACT**

The emergence of various official channels of clubs have raised some question marks regarding the journalistic work that takes place in these essays, in fact this is the same issue that involves these thematic channels.

BTV is a channel whose main "representative" the club that gives its name: Sport Lisboa e Benfica and the fact that it represents an institution generates so much discussion in society, as generating football clubs.

Thus, we intend to light the wording of BTV evaluate the work that is done in writing in order to understand if what you do is journalism or not.

**Key- words:** BTV, sports journalism, objectivity, impartiality, official channels clubs.

# ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1. Questões teóricas do jornalismo.....</b>	<b>8</b>
1.1.Jornalismo.....	8
1.2.Será o jornalismo o “ Quarto-poder?” .....	12
1.3.Parcialidade e Objetividade.....	14
<b>Capítulo 2. Da especialização aos canais oficiais dos clubes .....</b>	<b>19</b>
2.1. Jornalismo Especializado.....	19
2.2. Jornalismo desportivo em Portugal: da caça ao desporto rei.....	21
2.3. A comunicação num clique.....	24
2.4. Ser jornalista desportivo.....	27
2.4.1. Fontes de informação “convocadas” pelos jornalistas desportivos.....	29
2.5. Em “campo” os canais oficiais dos clubes na informação.....	31
2.5.1. Uma “tática” diferente na BTV.....	34
<b>Capítulo 3. O “voo” pela redação da BTV – Descrição e reflexão.....</b>	<b>39</b>
3.1.Processo de realização de estágio.....	39
3.2.Chegada à equipa da BTV.....	40
3.2.1. Da redação para o terreno.....	44
3.2.2. Mais que um “voo” são as histórias que ficam.....	47
3.2.3. Cinco meses de aprendizagem .....	50
3.4. Será que existe uma linha que separa a BTV do jornalismo?.....	53
<b>Conclusão.....</b>	<b>58</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>62</b>

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Logótipo da BTV .....	39
Imagem 2: Equipa da BTV.....	40
Imagem 3: Primeira saída.....	45
Imagem 4: Reportagem de última hora: pista coberta de atletismo.....	47
Imagem 5: Régie da BTV.....	49
Imagem 6: Programa de Edição.....	50
Imagem 7: Conferência de Imprensa.....	51
Imagem 8: Câmaras.....	52
Imagem 9: Redação BTV.....	57

## INTRODUÇÃO

O presente relatório tem por base o estágio curricular realizado na redação da BTV, tendo como finalidade a apresentação de todo o trabalho realizado nesta instituição, mas acima de tudo abordar um assunto que hoje em dia levanta muitas questões. À luz das várias contribuições teóricas sobre o jornalismo, podemos levantar algumas questões em relação ao papel das televisões pertencentes aos clubes de futebol.

Partindo do estágio realizado na BTV procuramos perceber como é feito o trabalho de informação neste canal e identificar os pontos de contacto com o trabalho jornalístico.

O relatório representa a última etapa para a conclusão do Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre.

Este relatório começa por fazer uma breve passagem pelo jornalismo a par de duas das características mais importantes da área, a objetividade e a imparcialidade. Posteriormente, faremos uma abordagem ao jornalismo especializado e consequentemente à história do jornalismo desportivo e à própria profissão, enquadrando aqui os canais oficiais dos chamados três “grandes” de Portugal, a Sporting TV, o Porto Canal e a BTV.

No último capítulo, é feito um resumo de algumas atividades desenvolvidas, tanto dentro da redação como no terreno enquadrando sempre as dificuldades, os desafios colocados em cada trabalho realizado e ainda a evolução que fui tendo ao longo do estágio. Faremos ainda uma reflexão sobre algumas questões deontológicas que acompanham os trabalhos das equipas de reportagem.

Após toda a análise, o presente relatório complementa o estudo com o conhecimento adquirido ao longo dos 5 meses de estágio e assim contribuir para uma reflexão sobre o trabalho de informação desenvolvido na BTV.



## CAPÍTULO 1

### QUESTÕES TEÓRICAS DO JORNALISMO

#### 1.1. JORNALISMO

Não é nossa intenção expor uma definição de jornalismo, uma vez que pela sua complexidade, seria muito difícil de caber num trabalho com as características de um relatório de estágio. No entanto, consideramos importante expor algumas das contribuições dadas por autores sobre o papel do jornalismo nas sociedades contemporâneas.

“Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como ‘estórias’?”

(Traquina, 2005: 21)

O jornalismo é uma atividade em que o foco principal é dar informação objetiva à população. No geral, o que é transmitido refere-se à atualidade mais imediata, onde se utiliza uma abordagem objetiva e rigorosa, onde uma notícia requer responder às seguintes questões: quem?, o que?, como?, quando?, onde? como? e porquê?. “ Quem torna-se a personagem. O quê torna-se o enredo. Onde torna-se o cenário. Porquê torna-se a motivação ou causa. Como torna-se a narrativa” (Clark, in Rosensiel&Kovach, 2004: 162).

Os meios de comunicação social ajudam a esclarecer as comunidades e formam uma linguagem e conhecimento comuns, com base no que acontece na vida real. As pessoas querem ser informadas sobre tudo o que as rodeia, utilizando assim o jornalismo para se manterem dia a dia informadas sobre os últimos acontecimentos.

O jornalismo ainda identifica os objetivos, os heróis e os vilões de uma comunidade.

“Precisamos de notícias para vivermos, para nos protegermos, para criarmos laços, para identificarmos amigos e inimigos.

O jornalismo é, simplesmente, o sistema concebido pelas sociedades para fornecer estas notícias. É por isso que nos preocupamos com o tipo de notícias e o jornalismo que temos: estes elementos influenciam a qualidade das nossas vidas, os nossos pensamentos e cultura.”

(Kovach & Rosenstiel, 2004: 6)

Um dos fundadores do Committee of Concerned Journalists vê o jornalismo de forma simples. “No final de contas, talvez jornalismo signifique pura e simplesmente manter e amplificar a conversação das próprias pessoas” (Carey, 1997 in Rosensiel&Kovach, 2004:16). Já Beltrão (2006: 29) considera o jornalismo como “a história que se passa no presente.”

Contudo, segundo o mesmo autor, o jornalismo “não só tem a função de informar sobre os factos socialmente com alguma importância como também tem o compromisso de examiná-los, propor soluções e estabelecer ensinamentos deles extraídos.”

O jornalismo é uma vertente de um mundo em que a comunicação social, é cada vez mais dependente da lógica de mercado. E nem os jornalistas escapam a essa lógica, muitas vezes produzem-se apreciações e estabelecem-se valorizações sobre o profissional como se ele atuasse sozinho. Mas os profissionais na sua maioria estão sujeitos a constrangimentos, seja dentro ou fora da redação, que de alguma forma acabam por influenciar o seu método de trabalho e a própria elaboração da notícia. “Cada jornal tem uma política editorial, admitida ou não” (Breed, 1955/1993:153).

Contudo, o jornalista não é obrigado a aceitar a política editorial, pois nada lhe foi devidamente exposto e explicado. Além disso, Breed garante que a política editorial de cada jornal é sugerida pelos ‘executivos’ e que por isso:

“É óbvio que eles não podem recolher e escrever pessoalmente as notícias. Têm que delegar estas tarefas nos staffers, e é nesta altura que as atitudes ou interesses dos staffers podem – é o que acontece

muitas vezes – entrar em conflito com a dos executivos."

(1955/1993:153)

Tal como Breed, Kovach & Rosenstiel defendem que os jornalistas" têm de reconhecer a sua obrigação pessoal de discordar ou de desafiar diretores, proprietários, anunciantes e mesmo os cidadãos e a autoridade estabelecida, se os princípios da imparcialidade e do rigor o exigirem" (2001:189).

“ O jornalismo não é o mero produto de uma ação individual ou pelo menos, já não o é na mesma dimensão em que o era no tempo em que nasceram os mitos sobre a profissão. O jornalista faz parte de uma equipa redatorial, de uma empresa, da sociedade: a informação é o resultado de uma produção em grande escala, no quadro de processos sociais operando através de organizações mediáticas complexas e inseridas num determinado sistema social.”

(Lazar in Correia, 1997: 17)

Ainda se confunde muito o poder dos jornalistas com o poder dos meios de comunicação, fala-se dos profissionais da área como se fossem eles os donos e os responsáveis dos órgãos que representam. E que muitas vezes são criticados quando essas mesmas críticas deveriam ser para o funcionamento do sistema mediático.

Dia após dia, os jornalistas encontram-se constantemente confrontados com dois tipos de imperativos, um que está relacionado com os objetivos comerciais, que marcam os destinos das empresas, o outro tem a ver com os objetivos informativos, que dão corpo aos princípios e inspiram a área do jornalismo.

São inúmeros os obstáculos que tornam complicada a produção de notícias exatas, equilibradas, imparciais, com foco nos cidadãos, independentes e corajosas. As próprias entidades onde trabalham colocam aos jornalistas obstáculos e esses só vão poder ser ultrapassados quando os próprios se desafiarem e discordarem de quem está acima deles,

sejam diretores, proprietários ou anunciantes. Pois a qualidade das decisões que os jornalistas tomam é muito influenciada pelos diretores e pela cultura da redação. Esta pressão nos jornalistas tem vindo a aumentar porque os grandes grupos mediáticos e os acionistas proprietários dos *media*, perceberam que a informação além de ser um instrumento de propaganda, também podia produzir lucro.

“A informação é hoje um produto como qualquer outro, objeto de compra e venda, proveitoso ou dispendioso, condenado assim que deixa de ser rentável” (Halimi, 1998:4).

“ A informação depressa se transformou, acima de tudo, numa mercadoria. Não possui um valor intrínseco associado, por exemplo, é verdade ou interesse cívico. Como mercadoria, está, em grande medida, sujeita às leis do mercado, da oferta e da procura, que se sobrepõem a outras regras, nomeadamente cívicas e éticas, que deveriam, no entanto ser as suas.”

(Ramonet in Halimi, 1998:50)

Assim sendo, acredita o autor que é cada vez mais complicado o público acreditar no trabalho do jornalista e de olhar para ele e para o jornalismo como uma área meramente informativa e verdadeira. Há cada vez mais informação, mais concorrência e a necessidade de ser o primeiro a dar a notícia e conseguir a melhor cacha é o que hoje em dia mais prevalece. “A função da verdade é revelar os factos escondidos, estabelecer a relação existente entre eles e formar uma imagem da realidade com base na qual as pessoas possam atuar” (Lippmann, in Rosenstiel & Kovach, 2004:39).

Para Rosenstiel e Kovach (2004), a verdade é a primeira obrigação do jornalismo, é isso que o público espera dos meios de comunicação social, pois são estes mesmos meios que dão a informação que para muitas pessoas é essencial, visto utilizarem-na de modo a conhecerem e pensarem sobre o que se passa no mundo. Os cidadãos e as sociedades dependem de uma descrição exata e fiável do que acontece no mundo, para assim conseguirem desenvolver procedimentos e processos, que lhes permita obter o que poderá ser designado como verdade funcional.

Para Rosenstiel e Kovach, o jornalismo procura exatamente uma forma prática ou funcional da verdade, e não a verdade no sentido absoluto ou filosófico. O jornalismo deve procurar a verdade no sentido em que possibilite agir diariamente.

## 1.2. SERÁ O JORNALISMO O “QUARTO PODER”?

“O povo, para estar no seu melhor estado, deveria parecer pronto e impaciente para entrar em ação, sem na realidade entrar. A imprensa, que é o nosso único instrumento, tem neste momento a efetuar a mais delicada e exaltante função que algum poder teve até agora de desempenhar neste país.”

(Mill in Traquina, 2007:37)

É uma questão que ainda não está muito bem esclarecida, são poucos os teóricos da comunicação que encaram o jornalismo como tal. Mário Mesquita (in Lopes, 2003: 71) defende que a fórmula do jornalismo “quarto poder” só pode ser vista como uma hipérbole que tem como objetivo colocar a imprensa ao nível das instituições do poder constituído.

Também William Safire (in Lopes, 1980: 242) defende que a expressão “quarto poder” aplicada à imprensa está desatualizada, sendo apenas utilizada com ironia. Este ainda refere que a expressão foi usada para posicionar a imprensa em pé de igualdade com os grandes poderes de uma nação.

Um outro autor com uma perspetiva idêntica é André Fontaine (in Lopes: 79) que referiu que o poder da imprensa só merecia ser considerado o quarto poder se existisse um órgão federador para o exercer.

Atualmente em vez de “quarto poder”, a expressão que é mais utilizada é “contra-poder”, pois apresenta maiores virtualidades, enquanto modo de afirmação dos profissionais de jornalismo no espaço público.

Para Mário Mesquita (in Lopes, 2003: 74) as instituições da imprensa são vistas como parte integrante do sistema de pesos e contrapesos característico dos regimes democráticos. Exemplo disso, é a imagem da imprensa “*watchdog*”, ou seja, “*cão de guarda*” das instituições perante os desvios, as prepotências e os abusos de poder. “Em certos

momentos, sob determinadas condições, o jornalismo e os media associados a outras instituições das sociedades democráticas, desempenharam papéis que os aproximaram da função de contra-poder” (Mesquita, 2003:78).

Apesar do papel central que foi dado aos jornalistas com a teoria democrática e com o reconhecimento do poder do jornalismo “quarto-poder”, o jornalista tem sido ao longo do tempo uma profissão pouco prestigiada.

“ O jornalismo não é uma das profissões consideradas...O jornalismo está mais bem estabelecido agora mas ainda não está entre as profissões respeitadas. Apesar de os jornalistas na Europa, nos Estados Unidos, e noutros locais se terem associado aos ricos e poderosos, nunca foram respeitados por eles.”

(Schudson in Traquina, 2002: 59)

Max Weber (in Traquina, 2002:59) acrescentou ainda que o jornalista, “ pertence a uma espécie de casta de párias, que é sempre vista pela sociedade em termos dos seus representantes eticamente mais baixos.”

No passado, qualquer pessoa que escrevesse razoavelmente bem tinha a hipótese de trabalhar como jornalista. As condições de trabalho não eram as melhores, os jornalistas recebiam mal e o sistema de emprego e dispensa assustava os profissionais da área, pois a qualquer momento poderiam ficar desempregados.

O desenvolvimento das grandes reportagens e a criação de clubes, associações e sindicatos ajudaram a profissão a ganhar um pouco mais de prestígio e foi também um meio de promover a profissionalização do jornalismo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O jornalismo ao longo dos anos passou por muitas modificações. No caso de Portugal, para se ser jornalista é preciso ter uma carteira profissional, esta é emitida e renovada pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas. São ainda considerados jornalistas aqueles que como ocupação principal, permanente e renumerada, executam com capacidade editorial funções de pesquisa, recolha, seleção e tratamento de informação, seja através de texto, imagem ou som, destinados à divulgação, com metas informativas.

Hoje em dia, escrever bem não chega para ser um bom jornalista. O mercado de trabalho tornou-se mais exigente e com o desenvolvimento das novas tecnologias o público também mudou.

Atualmente, os jornalistas não conseguem trabalhar os acontecimentos de forma relacionada com os sistemas e contextos em que estão inseridos, devido à falta de tempo que têm para conseguirem apurar mais detalhadamente as informações e seguidamente realizarem um trabalho de pesquisa mais aprofundado. Logo, a cobertura jornalística é muitas vezes feita apenas superficialmente.

O trabalho jornalístico, passou a ser configurado por diversas regras e procedimentos deontológicos, que muitas vezes são influenciados por relações de poder e mudanças sociais.

### 1.3. PARCIALIDADE E OBJETIVIDADE

Estes são dois conceitos que a maior parte dos cidadãos associa ao papel político ou ideológico dos *media* noticiosos.

Para Kunkzik (2001:224), a objectividade é como a identificação entre um “facto e a sua descrição mediante a informação.” O autor ainda afirma que “nesse sentido, a objetividade jornalística está ligada à qualidade de um produto jornalístico.”

Traquina (2002) garante que as transformações do jornalismo ao longo do século XIX, ou seja, de um jornalismo claramente partidário para uma modalidade factual (privilégio às opiniões e outros factos) colaboraram também para o peso da objetividade na área.

“A objetividade constitui um valor crucial do jornalista profissional, pelo menos nos países ocidentais, e está associada ao desenvolvimento do jornalismo enquanto profissão nesses mesmos países. [...] Aqui, é necessário ter em consideração a evolução do jornalismo, em particular [...] a apresentação de um produto que privilegia fatos e não opiniões e implica um novo conceito de notícia, em termos dos interesses de uma nova classe de leitores.”

(Traquina, 2002: 23)

Kunczik (2001) afirma ainda que a imparcialidade reside na relação entre o facto e a sua representação como informação. O maior grau de identificação entre ambos atua como um índice de qualidade do discurso jornalístico.

A relação entre parcialidade e objetividade deve também ser considerada sob os aspetos dos conflitos de interesses, internos às sociedades.

“ [...] a objetividade de uma informação é o grau de identidade entre o fato e a sua descrição mediante a informação. Nesse sentido, a objetividade jornalística está ligada à qualidade de um produto jornalístico. Também se utiliza o termo para descrever uma norma jornalística que requer certos tipos de comportamento. Já a ‘imparcialidade’ ou o ‘equilíbrio’ que se exigem da reportagem se relacionam com o conteúdo global de um veículo de comunicação, com os interesses existentes numa sociedade que dentro desse veículo compete com algum outro em torno da opinião pública.”

(Kunczik, 2001:224)

Uma característica para um jornalismo de qualidade, é precisamente a objetividade. Este atributo garante ao jornalista e ao respetivo trabalho, uma espécie de selo de garantia no produto notícia. “A reportagem objetiva é entendida como desapaixorada, sem preconceitos, imparcial, isenta de sentimentos e conforme a realidade” (Kunczik, 2001:227). Contudo, a ideia de reportagem do autor anteriormente referido, parece apresentar a objetividade como um atributo do jornalista e não do texto que produz.

Já Pena (2006), refere que o jornalista deve procurar a objetividade como método de construção textual.

“ [...] o método é que deveria ser objetivo, não o jornalista. [...] A sociedade confunde a objetividade do método com a do profissional, e



este jamais deixará de ser subjetivo. [...] esse esforço é fundamental não só para melhorar a imagem da profissão perante a sociedade, mas para o entendimento dos jornalistas sobre o próprio ofício.”

(Pena, 2006, 51,52)

Segundo o mesmo autor, a objetividade seria sobretudo um método de pesquisa, elaboração e estruturação do discurso jornalístico, relacionado à complexidade dos factos e à diversidade de opiniões que anseiam explicar os fenômenos da “realidade objetiva”.

“O verdadeiro significado da objetividade está ligado à ideia de que os factos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses factos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los.”

(Pena, 2006, 50)

Um outro autor, de seu nome Hacket (2002:102), opta por falar de orientação estruturada e efetividade ideológica para a análise da produção jornalística, referindo que “os conceitos de parcialidade e objetividade devem ser mais objetos de investigação que padrões de avaliação.”

A parcialidade, segundo o mesmo autor, é geralmente vista como a intromissão da opinião pessoal do jornalista no texto que escreve, sobretudo, quando não existe uma diferenciação clara entre o que se declara daquilo que é opinião.

“ [...] a maioria das definições em linguagem comum consideram a parcialidade noticiosa como a intrusão de ‘opinião’ subjetiva do repórter ou da organização jornalística no que é pretensamente um relato ‘factual’ [...] quando um artigo não faz a

distinção clara entre as interpretações do seu autor e os factos relatados, estamos perante uma notícia parcial ou tendenciosa.”

(Hacket, 2002, 103)

A maioria das definições, consideram a parcialidade noticiosa como a interferência da opinião subjetiva do repórter ou da organização jornalística no que é supostamente um relato fatural. “Quando um artigo não faz a distinção clara entre as interpretações do seu autor e os factos relatados estamos perante uma notícia parcial ou tendenciosa” (MacLean, 1981:56).

Segundo Hacket, considera que há dois momentos de parcialidade noticiosa, são eles, o desequilíbrio quanto à narração dos factos e a distorção da realidade.

O equilíbrio está relacionado com a adoção por parte do jornalista, de fontes diversas que sejam contraditórias. Já a fidelidade à realidade tem a ver com a independência do jornalista, ou seja, o profissional não pode estar submetido a outro compromisso que não o de narrar os factos de acordo com a realidade objetiva.

Doll e Bradley (in Traquina, 1995: 103) fizeram um levantamento em manuais de jornalismo sobre sinónimos e antónimos de parcialidade jornalística.

A falta de equilíbrio é sugerido pelos sinónimos preferencial, unilateral e parcial e pelos antónimos, igual, igualitário, neutro e justo. Quanto à distorção são propostos os termos deturpado, distorcido, indiretos e estereotipado, em oposição a franco, factual, exato, e verídico.

Entre os dois critérios de objetividade, a distorção e o desequilíbrio, encontra-se a tensão, por um lado, entre o relatar imparcialmente “desejadas” verdades contraditórias de fontes bem colocadas, por outro, o determinar com independência a validade de tais verdades.

Em suma, a questão da objetividade e da parcialidade está principalmente associada às posturas pessoais dos jornalistas, como já podemos constatar anteriormente. Também já vimos que a objetividade deve estar no método de elaboração do discurso e não na pessoa que o produz. “ (...) a parcialidade tem de ser encontrada no artigo, não no espírito daquele que o escreve” (Hacket, 2002:114).

No código deontológico dos jornalistas portugueses, o ponto número 1 refere que o profissional deve descrever os factos com rigor, exatidão e posteriormente interpretá-los com honestidade.

Esta evolução, hoje em dia reflete-se nos livros de estilo de alguns meios de comunicação social. Por exemplo na agência de notícias portuguesa, Lusa, é como atributo da imparcialidade que a objetividade aparece, na situação de uma separação entre os factos e as opiniões.

No livro de estilo do *Público* (in Correia, 1997:162), a questão da objetividade é transferida para um problema de honestidade intelectual que é colocado aos jornalistas que também são confrontados com a questão da exatidão dos factos relatados e a fidelidade das opiniões recolhidas.

A objetividade requer uma abordagem transparente das provas, para que assim, os preconceitos pessoais e culturais não afetem o rigor do trabalho do jornalista. Contudo, o jornalista ao seleccionar factos para serem noticiados já está a usar os seus valores e a sua vivência pessoal para saber o que é de interesse público ou não. O profissional acaba sempre por utilizar as suas opiniões políticas e sociais, já que, como qualquer outra pessoa, ele também está incluído na vida política do país e nos acontecimentos que tomam como palco o grupo social onde está inserido. Mesmo que o jornalista aparente ser objetivo, ele acaba por muitas vezes utilizar imagens, gráficos, ou mesmo textos, para assim transmitir a situação a partir do seu ponto de vista ou do ponto de vista da empresa onde trabalha. "Os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas, e não outras. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado." (Bourdieu, 1997:25)

**DA ESPECIALIZAÇÃO AOS CANAIS OFICIAIS DOS CLUBES**

**2.1. JORNALISMO ESPECIALIZADO**

Para Leão (in Fernandes, 2011:17) o jornalismo especializado é uma:

“etapa de evolução da história do jornalismo em que os profissionais se dedicam a temas específicos de cobertura noticiosa. Esta forma de jornalismo sucede ao modelo generalista em que o jornalista escrevia para as várias secções do seu órgão de comunicação social. Esta tendência de especialização é um fenómeno que ainda decorre e que se acentua à medida que os próprios meios de comunicação se tornam temáticos e as audiências se segmentam em nichos que elevam a fasquia de exigência relativamente aos conteúdos das mensagens recebidas.”

Com o passar dos anos, percebeu-se que havia a necessidade de se segmentar a informação generalista, ou seja, adequar os gostos das pessoas às informações que se noticiavam. E assim foi, o jornalismo especializado surge devido ao gosto mais específico que as pessoas começaram a ter.

Cada grupo apresenta os seus interesses pessoais, por vezes, chega-se mesmo ao ponto dos meios de comunicação social noticiarem grandes acontecimentos e esses mesmos serem rapidamente ultrapassados.

Com esta alteração o perfil do jornalista tem mudado, as publicações passaram a dedicar-se mais à informação personalizada, levando a um maior desenvolvimento do jornalismo especializado.

“Nessa sociedade fragmentada em grupos com interesses tão dissociados entre si, em que cada qual elege suas prioridades com base não só em escolhas individuais, mas muitas vezes até individualistas. Cada grupo tem seus interesses pessoais, e até grandes acontecimentos quando focados pela mídia são rapidamente considerados ultrapassados.”

(Abiaby in Fernandes, 2000:5)

Nos finais do séc. XIX e no início do XX, ocorreu aquilo que muitos apelidaram de “Novo Jornalismo”, momento em que houve uma tendência para a profissionalização da classe jornalística. Foi o marco para a transição para o jornalismo especializado, para uma maior análise do texto informativo, uma postura mais subjetiva e criativa na escrita.

Nesta altura assistiu-se ao reforço da especialização no meio jornalístico desportivo. O crescimento da imprensa especializada no meio do desporto teve como factor principal a diversificação de modalidades.

As publicações especializadas, servem agora os interesses das pessoas nas diversas áreas. Estas produções segmentadas são de alguma forma resposta aos grupos que procuravam uma temática apropriada aos seus interesses. Atualmente, estes grupos conseguem encontrar facilmente publicações ou programas com os quais se identificam.

Dentro das áreas do jornalismo especializado estão jornalismo político, económico, desportivo, cultural, científico, social, ambiental, policial, literário, saúde, entre outros.

Já vimos que o jornalismo tem tido alterações ao longo dos anos, mas não é o único. O jornalista também tem sentido as modificações que a área tem sofrido. A função do profissional alterou-se, ao mesmo tempo que as estratégias da produção jornalística se modificavam.

Inicialmente, o jornalismo cumpria a função ideológica, sendo que a maior parte dos jornais eram políticos ou literários. Nessa altura, o jornalista era um articulista que lhe era exigido informação destinada a uma doutrinação. Quando os jornais se tornam empresas, a informação passa a condição de bem público, serviço à comunidade e o jornalista é o mediador.

Com a evolução do jornalismo especializado, percebeu-se que o público receptor passa a ser considerado na sua especificidade. Os jornalistas passaram a poder optar por uma área de trabalho dentro do jornalismo em que lhes é pedido um conhecimento específico da área. Deverá utilizar no seu discurso uma linguagem adequada ao assunto, para que assim o público interessado na área perceba o que o jornalista está a transmitir.

O caso do jornalismo desportivo é uma especialização que lida com um grau elevado de risco de parcialidade, pois tanto os jornalistas como o público que vê, lê ou ouve as notícias, têm preferências por determinados clubes ou atletas. Deste modo, o jornalista tem de ter cuidado com a paixão ou repúdio que as suas palavras podem causar no público.

“O jornalismo desportivo é uma especialização da área da imprensa que trata o tema desporto, informando tudo sobre o assunto e os seus desdobramentos. E a essência não muda. O profissional tem a incumbência de informar ao público, de forma imparcial e com ética, o que acontece no mundo desportivo.”

(Salviano, 2010)

## 2.2. JORNALISMO DESPORTIVO EM PORTUGAL: DA CAÇA AO DESPORTO REI

A imprensa desportiva contou com grandes alterações ao longo dos séculos. Em Portugal, como no resto da Europa, as primeiras publicações desportivas eram dedicadas a uma única modalidade, ciclismo, caça ou ginástica.

Entre o final do séc. XIX e o fim da II Guerra Mundial, o desporto transformou-se num “elemento cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos” (Moral & Ramírez in Pinheiro, 2011). Chegando ao ponto de o séc. XX ter sido considerado como o século em que o desporto se converteu num “facto social determinante” (Varela in Pinheiro, 2011).

Na segunda metade do séc. XIX apareceram na Europa as primeiras publicações especializadas na área do desporto, como por exemplo, em 1854 surgiu o *Le Sport* na França,

em 1856 a revista *El Cazador* em Espanha e em Inglaterra o diário desportivo *Sportsman* foi um caso de sucesso.

Já em Portugal, a imprensa desportiva chegou mais tarde com o *Jornal dos Caçadores*, um jornal totalmente ligado à caça, que na altura era vista como um desporto. Segundo Rita Morais (2004:7) em 1876, surgiu o *Toureiro* que era especializado em tauromaquia.

Pinheiro (2011) procede a uma análise da história do jornalismo desportivo em Portugal. De acordo com o autor, a imprensa da época queria cobrir os vários eventos de cariz desportivo que havia em Portugal e foi em 1888 que se realizou pela primeira vez um jogo de futebol, uma modalidade que era muito popular em Inglaterra. A partida que se realizou em Cascais entre portugueses e ingleses acabou por ser um ponto de viragem na imprensa desportiva, a partir desse jogo começaram a haver mais e sempre com a presença da imprensa. “O futebol passou a ser um dos temas em destaque nas várias secções desportivas dos jornais generalistas, as quais começaram a surgir durante a década de 1890” (Pinheiro, 2011:30).

Entretanto, o ciclismo foi um desporto que ao longo da segunda metade do século XIX foi ganhando muitos adeptos pela Europa fora, especialmente na França, onde apareceram muitos periódicos sobre esta modalidade. A popularidade do ciclismo foi tão grande que em Portugal também nasceu um jornal especializado na modalidade. Em 1893, na cidade do Porto surgiu então *O Velocipedista*.

Segundo Pinheiro, a partir de 1894 surgiu uma nova fase do jornalismo ligado ao desporto, que ficou marcada pelo surgimento do género periódico, ou seja, o jornal generalista desportivo, que deixaria assim de ser especializado num só desporto.

A partir daí foram vários os jornais que dominaram a informação desportiva portuguesa, contudo, a área só se fortaleceu em Portugal na segunda metade da década de 1940. Entre 1939 e 1945, o jornalismo generalista desportivo nacional foi dominado por quatro publicações: *Os Sports* e o *Stadium*, que surgiu em 1932 em Lisboa e o *Sporting* e o *Norte Desportivo*, fundado em 1934 na cidade invicta. A nível regional há que destacar *A Voz Desportiva* e *O Correio Desportivo*.

Até então, a imprensa desportiva teve de ultrapassar obstáculos, como as duas guerras mundiais e ainda adaptar-se a três regimes políticos distintos, a Monarquia (até 1910), República (1910-1926) e Ditadura (1926-1945).

Só no final do séc. XIX é que a imprensa portuguesa começou a dar algum destaque ao desporto, só ocasionalmente é que os jornais generalistas possuíam alguns artigos referentes às modalidades.

Em meados da década de 1940 a imprensa desportiva em Portugal estava finalmente consolidada.

No período que antecedeu o aparecimento do jornal *A Bola*, “Portugal era uma decrépita potência, atrasada no caminho do progresso, que ia de braço dado, mas sempre desconfiada, com o seu parceiro de Península, a Espanha” (Aguiar in Pinheiro, 2006: 196).

Segundo o autor, a criação de jornais como *A Bola* em 1945 e o *Record* em 1949 confirmou que o desporto era a área de especialização mais seguida pelos leitores. Quem não conseguiu manter-se com o surgimento destes dois jornais foram precisamente a revista ilustrada *Stadium* e a revista *Sporting*, que anunciaram o fim em 1952. Já mais tarde em 1985 nasceu um novo jornal desportivo, *O Jogo*.

Os três jornais anteriormente referidos são os três diários desportivos que iniciaram a publicação no séc. XX e que conseguiram resistir à instabilidade do mercado. Hoje em dia, são responsáveis por uma grande parte das vendas dos jornais em Portugal.

*A Bola* e o *Record* foram fundados como semanários, porém, foram aumentando pouco a pouco até se transformarem em diários. Já *O Jogo* passou a diário no mesmo dia e ano em que *A Bola* o fez, ou seja, a 10 de fevereiro de 1985.

Mas também é graças à popularização do futebol, que este género de imprensa se implementou e afirmou até hoje. O jornalismo desportivo ganhou uma maior importância ao longo dos últimos anos, sobretudo graças ao futebol que começou a ser cada vez mais um entretenimento e isso arrastou milhares de pessoas. Os jornais desportivos dedicam-se mais ao futebol, pois sabem o que vende, sabem que quem gosta e segue atentamente o futebol quer saber todas as novidades, principalmente dos seus clubes.

De acordo com Pinheiro, nos finais da década de 1950 o panorama jornalístico desportivo em Portugal mudaria devido a um novo fator. Pois para além da rádio transmitir os relatos de vários encontros de futebol e de ciclismo surgiu também a televisão. Esta, desde do início com os dois canais nacionais, a RTP 1 e a RTP 2, onde o desporto foi uma aposta grande. Prova disso mesmo foram os vários programas desportivos como, *Revista Desportiva*, *Imagens do Domingo Desportivo*, *Vida desportiva*.

Posteriormente à RTP surgiram a SIC em 1992 e um ano depois um novo canal de televisão de seu nome TVI. Assim sendo, o desporto passou a ser um dos meios de captação



de audiências dos quatro canais portugueses, surgindo várias secções de análise aos acontecimentos desportivos, assinadas por especialistas da área.

Ao longo do tempo formou-se uma trilogia informativa. Segundo Pinheiro (2010) “A rádio anuncia, a TV mostra e a Imprensa explica e nenhuma delas dispensa as outras.”

Presentemente essa trilogia alterou-se com a chegada da internet.

“ O séc. XX foi testemunha da introdução de sistemas de comunicação que permitem uma ampla distribuição de mensagens de um ponto a outro, conquistando espaço e tempo, primeiro por meio de electrização da informação analógica, e mais tarde por meio de digitalização.”

(Poster in Martins, 2000: 33)

### 2.3. A COMUNICAÇÃO NUM CLIQUE

A internet passou a ser também um meio de comunicação em todo o globo. Ler, escrever, publicar fotografias e vídeos sobre os mais variados assuntos são algumas das potencialidades deste que é um “mundo virtual”.

A internet implementou-se de tal forma nas sociedades atuais que hoje é considerada uma ferramenta muito importante na obtenção e difusão de informação. Quem não perdeu a oportunidade de expandir as suas ramificações e aderir também a este “mundo que dá muitas voltas digitais” foram os *media*. Inicialmente a aposta recaiu nos *sites* e posteriormente nas redes sociais, como por exemplo, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram* e o *Snapchat*. Porém, os meios de comunicação social não são os únicos a dar informação, pois hoje em dia qualquer pessoa que tenha um aparelho eletrónico com ligação à internet o pode fazer, ou seja, tem capacidade para transmitir todo o tipo de conteúdos, sejam eles informativos ou não.

“A digitalização de conteúdos e a internet revolucionaram os processos de produção e distribuição dos media, o que permitiu a proliferação dos media a ponto de qualquer pessoa

poder criar em poucos minutos o seu medium individual pela internet (o site, o blogue); criaram se formas de distribuir e ver conteúdos audiovisuais, nomeadamente o Youtube.”

(Torres in Maciel 2014)

Desde de meados dos anos 90, que se assiste à criação de várias publicações editadas exclusivamente na internet e ainda se vê a adaptação da maior parte dos jornais para o *online*. Numa primeira fase, a maioria dos jornais portugueses limitava-se copiar os conteúdos informativos presentes na edição impressa para a internet, como foi o caso dos três diários desportivos já referidos. Sendo assim, os jornais passaram a disponibilizar a mesma informação nas duas plataformas.

Posteriormente, a esta primeira fase, as entidades aperceberam-se rapidamente das muitas potencialidades que a internet podia dar. E assim, rapidamente os profissionais começaram a realizar conteúdos noticiosos originais para as publicações com o acrescento de hiperligações, ferramentas interativas e até mesmo motores de busca. Mais recentemente os jornais *online* fornecem aos leitores conteúdos noticiosos e informativos em exclusivo para a plataforma digital.

“A introdução de novas tecnologias provocou alterações profundas, permitindo maior rapidez maior quantidade e melhor qualidade na recolha, tratamento e transmissão da informação.”

(Correia, 2000: 17)

A constante atualização que a internet possibilita aos meios de comunicação social nem sempre é vantajosa. Todos os meios de comunicação social querem ser os primeiros a transmitir determinada notícia nem que para isso tenham de saltar algumas regras do jornalismo, como por exemplo, confirmar os acontecimentos com as fontes e saber se realmente a informação que lhes foi transmitida é verdade. Ser o primeiro a dar a notícia muitas das vezes não é sinónimo de qualidade.

“Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização.”

(Bourdieu, 1997: 27)

Na área do desporto, atualmente são muitos os *blogues*, os *sites* e as páginas criadas nas redes sociais que invadem a internet. A população é frequentemente “bombardeada” de informação.

Em Portugal, existem vários casos de *sites* como o *Sapo*, o *zerozero*, o *Futebol365*, que divulgam informação como se fossem meios de comunicação social, concorrendo assim diretamente com o jornalismo. Porém, quem está por detrás destes *sites* são geralmente pessoas individuais ou grupos que apresentam uma grande paixão pelo “desporto rei” ou pelo desporto no geral e que têm como objetivo transmitir essa mesma paixão aos seus seguidores. Também alguns clubes criaram os seus próprios *sites* de modo a chegarem mais perto dos seus adeptos com toda a informação sobre o respetivo clube

No que diz respeito a meios de comunicação social, *A Bola*, o *Record* e *O Jogo*, também tem uma edição digital em que os títulos que apresentam são muito parecidos, contudo as funcionalidades e tecnologias que cada um utiliza varia um pouco. É curioso o facto de o jornal *A Bola* ser o mais antigo dos três diários, e ter sido o último a possuir um lugar na internet, pois só em 2000 aderiu. Quanto à edição *online* do *Record*, foi lançada em 1999, já *O Jogo*, o último jornal desportivo a surgir, foi o primeiro a visitar o “mundo da internet”, aventurou-se em 1998.

Presentemente, os três jornais desportivos marcam golos no *online*, onde oferecem aos seus leitores a possibilidade de lerem as notícias, visualizar fotogalerias, vídeos, infografias e ainda existe a possibilidade de haver debate ou não em certas publicações. Um dos pontos em comum destes diários desportivos impressos e *online* é precisamente o facto de apostarem forte no desporto rei, que é o futebol. Contudo, as restantes modalidades também são abordadas mas com um destaque muito menor.

Os jornais desportivos são prova de que a internet veio revolucionar o jornalismo, o objetivo da aventura digital é a difusão das suas notícias e assim conseguirem alcançar uma maior audiência. Com o *online* há uma atualização constante da informação que chega rapidamente aos leitores.

Mais publicações foram editadas exclusivamente na internet, como por exemplo, o *Maisfutebol*, fundado em junho de 2000. Ao contrário dos *sites* anteriormente referidos, como o *zerozero* e o *Futebol365*, este é um jornal desportivo português que se encontra acessível na internet, escrito e produzido por jornalistas. O *MaisFutebol* é propriedade da Media Capital Multimédia, empresa do grupo Media Capital.

O método de trabalho é diferente, pois o código deontológico do jornalista está presente no projeto mas o objetivo é o mesmo, ou seja, chegar com a informação ao maior número de pessoas nas diversas plataformas.

“Resumindo, a Internet alterou a nossa perceção das notícias e o modo como lidamos com elas, criou um mundo de abundância onde os media disputam a nossa atenção com muitas outras plataformas.”

(Pêgo, 2015: 54)

Porém, ainda há muitas questões que se levantam e uma delas é precisamente sobre o futuro do digital e do papel. “As dúvidas mantêm-se quanto ao facto de os potenciais leitores considerarem o computador mais atrativo do que os métodos tradicionais de leitura” (Winton in Bastos 2000:109).

Uma coisa é certa, seja em papel ou no digital, em Portugal tal como em muitos outros países, o desporto mais focado na imprensa escrita, na televisão, nas rádios e na internet é sem dúvida o futebol. O desporto “rei” provoca sem dúvida, paixão por todo o mundo.

#### 2.4. SER JORNALISTA DESPORTIVO

“Ser jornalista desportivo em Portugal, é ser «um camaleão» onde tem que se adaptar ao evento que

está a cobrir de forma a realizar o melhor trabalho possível. Enquanto num jogo internacional, o jornalista pode adotar uma posição mais “nacionalista” perante a equipa portuguesa, numa transmissão de um jogo nacional, o jornalista seria criticado se assumisse algo para além de uma posição neutra. Outro fator que condiciona o jornalismo desportivo em Portugal é o poder dos clubes, que utilizam tudo para poderem obter lucros. Um jornalista só pode entrevistar um jogador com a autorização do clube e sob algumas condicionantes: é o clube que escolhe o local e a hora.”

(Costa, 2011)

Mas, apesar do jornalista ser especializado na área do desporto, o profissional não pode desprezar a importância da atualidade, pois o fenómeno desportivo também depende de outros aspetos, sejam eles económicos, sociais ou políticos.

“O jornalista que faz desporto não tem de saber tanto de futebol como o Mourinho, tanto de basquetebol como o Michael Jordan ou tanto de golfe como o Tiger Woods (...) Tem de saber essencialmente de jornalismo, mas é importante que tenha conhecimentos da área em questão. É importante que goste de desporto, mas tem de estar atento a outras áreas, porque jornalista é jornalista – tem de saber fazer política, economia, cultura, sociedade... Tem de compreender e analisar bem o fenómeno desportivo, mas fundamentalmente, tem de saber muito de jornalismo e saber usar esses conhecimentos”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/34948.html> [Acedido a 10 de setembro de 2016]

O jornalista desportivo deve seguir e respeitar o código deontológico, tal como qualquer outro profissional do jornalismo, seja ele especializado ou generalista. O principal trabalho será sempre procurar factos noticiosos, contactar as fontes, perceber sempre os dois lados e depois noticiar a verdade.

O jornalista desportivo como qualquer outro colega de profissão está sujeito a diferentes tipos de pressões. A primeira está logo ligada aos adeptos, que vibram com os clubes, tendo sempre uma opinião, seja ela boa ou má, em relação ao que é noticiado sobre os mesmos. Muitas vezes os profissionais têm de lidar também com a pressão dos dirigentes dos clubes que muitas vezes fazem do jornalismo desportivo um caminho para outras carreiras, como por exemplo a política e ainda utilizam a imprensa de modo a que sejam divulgadas informações positivas sobre o clube que têm a seu cargo.

Esta é uma área em que é complicado lidar com a objetividade, isto porque os temas são sujeitos a diferentes interpretações, o trabalho de investigação do jornalista da área de desporto deve ser o mesmo dos outros colegas de profissão. Isto é, devem confirmar e reconfirmar as suas informações com o maior número de fontes possíveis e claro ver se estas são credíveis.

A objetividade poderá estar um pouco condicionada porque o jornalista também é adepto de determinadas equipas, porém, tem de saber separar as questões profissionais das pessoais. O jornalista deve ser o mais imparcial possível de forma a garantir qualidade à informação que transmite a milhares de pessoas.

#### **2.4.1. Fontes de informação “convocadas” pelos jornalistas desportivos**

O trabalho jornalístico requer observação, análise e suporte informativo, este é conseguido através de pesquisa de campo e também através das fontes de informação. As fontes podem ser materiais ou humanas, sendo que no último caso, os jornalistas lidam com as pessoas envolvidas direta ou indiretamente nos acontecimentos.

Para Schmitz (in Correia, 2011:14) as fontes de informação “são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas, direta ou indiretamente, a factos e eventos; que agem de forma proactiva, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de um *media*.”

No jornalismo desportivo, as fontes são essencialmente, os clubes, as federações e os sindicatos. Porém Luís Sobral e Pedro Magalhães (1999:54) agruparam as fontes no desporto da seguinte maneira, como fontes institucionais temos a Secretaria de Estado do Desporto, o Instituto Nacional do Desporto, o Comité Olímpico de Portugal, federações, ligas, associações, sindicato e clubes. Como fontes espontâneas existem os médicos, os empresários, os treinadores e os jogadores. E como fontes confidenciais-anónimas “ as fontes espontâneas podem adquirir o estatuto de anónimas ao revelar factos que colocam em xeque as instituições, obrigando-as a agir.” (Idem)

A relação de dependência entre os jornalistas e os protagonistas da notícia podem levar ao afastamento de um jornalismo independente e objetivo, assim sendo, a relação entre os jornalistas desportivos e os atletas pode influenciar de alguma maneira a rotina noticiosa, já que por vezes ambas as partes podem entrar em conflito, ou pelo contrário, podem criar uma forte ligação. E uma das grandes dificuldades de alguns jornalistas, é separar a amizade que têm com as fontes, do relacionamento profissional com as mesmas. O jornalista deve contactar as suas fontes sempre que for preciso, porém, mostrar que não se trata de uma troca de favores. Uma relação mais próxima com as fontes, também pode beneficiar o jornalista na obtenção de informações exclusivas, contudo, o jornalista deve estar sempre atento às motivações das suas fontes.

Na relação jornalista/fonte forma-se um “jogo” fora do campo, longe dos olhares do público. Um jogo em que os dois assumem o papel principal na produção da notícia.

“Os jornalistas devem estar atentos às motivações, evitando colocar-se ao serviço seja de quem for: treinadores, jogadores, presidentes, empresários, árbitros.”

(Sobral & Magalhães, 1999:56)

Para além dos negócios com as fontes, fatores como o tempo e os meios disponíveis são alguns obstáculos que condicionam os jornalistas. Se é verdade que as fontes têm uma preocupação em criar informação de maneira a “chamar” os jornalistas, também é verdade que os jornalistas vão à procura de trabalhar os acontecimentos, tendo em conta o tempo e o espaço disponível para a realização da peça.

“ O jornalismo não é um jogo de azar. Mesmo sabendo que a alguns quilómetros, noutra redacção, alguém pode estar editar a notícia que nós não conseguimos confirmar. É um risco. Ainda assim, um risco menor. Prejudicar pessoas ou servir interesses é bem mais grave.”

(Sobral & Magalhães, 1999: 55)

## 2.5. “EM CAMPO” OS CANAIS OFICIAIS DOS CLUBES NA INFORMAÇÃO

O interesse pela informação desportiva é tanta que alguns clubes, quer internacionais como nacionais criaram os próprios canais oficiais, dedicados ao futebol e às modalidades como por exemplo, o andebol, o futsal, o basquetebol, o hóquei em patins, a ginástica, o atletismo, entre muitas outras.

“Os clubes tornaram-se empresas líderes da promoção do espectáculo que é o futebol. No entanto o jornalismo desportivo não pode ser encarado como espectáculo noticioso pois o jornalismo desportivo não fala apenas de futebol, abrange outras modalidades. As notícias não são apenas sobre os jogadores de futebol. Há atletas em outras modalidades que merecem atenção. O jornalismo desportivo é um campo de saber rigoroso que merece ser valorizado e respeitado.”

(Santos in Pêgo 2015: 32)

Os chamados três “grandes” de Portugal foram alguns dos exemplos no que diz respeito à criação de canais de televisão. Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal apostaram numa maior visibilidade dentro de uma “caixa mágica” oficial do clube.



Portugal não foi pioneiro da ideia, visto que outros emblemas europeus já tinham criado os seus próprios canais televisivos. Real Madrid TV, Barça TV, MUTV (Manchester United), Chelsea TV, são alguns dos exemplos.

O caso mais recente por terras nacionais foi em 2014 com o surgimento do canal oficial do Sporting Clube de Portugal, em que toda a informação pode ser vista em canal aberto 24 horas por dia. A Sporting TV transmite em direto jogos das modalidades, jogos da equipa B e ainda jogos dos escalões de formação. O canal está dividido, por blocos informativos, programas de debate, programas de entretenimento, entre outros, sendo que todos eles são sobre o clube em causa, ou seja, o Sporting. O canal pode contar com 4 pivôs de informação, 3 repórteres de informação e ainda 3 apresentadores de entretenimento. O estúdio do canal está localizado em Carnaxide.

O canal está a cargo de Rui Miguel Mendonça, já a informação é da responsabilidade de Sérgio Sousa. Ambos foram jornalistas na Sport TV.

Já o caso do Futebol Clube do Porto é um pouco distinto, pois o clube das Antas tem uma ligação diferente com o Porto Canal, que quando surgiu em 2009, era um canal generalista que se dedicava à região norte do país. A programação era muito diversificada fosse na informação como no desporto e no entretenimento.

O Porto Canal, foi abrindo algumas delegações, como por exemplo em Arcos de Valdevez, Mirandela e Penafiel. No início de 2011 foi a vez de abrir em Braga, Douro (Vila Real) e Guimarães.

Em 2011, o Futebol Clube do Porto passa a gerir o canal através de uma parceria com os donos do canal, a espanhola MediaPro sendo que ao fim de dois anos tinha a opção de compra.

Em 2015, o Futebol Clube do Porto termina o processo de aquisição do Porto Canal e é precisamente no ano seguinte, em 2016, que se inicia uma nova etapa na “vida” do canal em questão. Algumas mudanças passaram pelo investimento em mais horas de conteúdos relacionados com o Futebol Clube do Porto, mais emissões de jogos do FC Porto B e jogos das equipas de formação, assim como a transmissão de partidas das outras modalidades, tais como, o andebol, o hóquei em patins e o basquetebol. Foi a partir deste marco histórico que se deu o grande “boom”, mudando por completo a grelha de programas bem como toda a estrutura hierárquica da empresa. Passou a ter a transmissão diária de vários programas de teor desportivo, com total destaque para o clube azul e branco.

A entrada do Futebol Clube do Porto na estrutura do Porto Canal levou a grandes alterações na grelha de programação do canal. Até à chegada do Futebol Clube do Porto, o

canal não tinha nenhum programa de carácter desportivo. Os primeiros programas desportivos foram o “Flash Porto”, “ Compacto Flash Porto”, “Flash Porto Síntese”, “Somos Porto”, “Especial FCP Futebol” e ainda o programa “ Azul e Branco”, todos eles surgiram em 2012.

O Porto Canal começou a dar mais tempo de antena aos assuntos FC Porto, quer na quantia de programas, como num maior número de horas em conteúdos, dedicados à equipa dos Dragões. Posteriormente surgiram novos programas como, “45 minutos à Porto”, “Cadeira de Sonho”, “Dragão Caixa Hóquei”, “Dragão Caixa Andebol”, “Invictos”, “Grandes Adeptos” e “Especial FCP Pós Match”.

O “Flash Porto” acompanha as notícias sobre a equipa do FC Porto, quer no futebol como nas outras modalidades. “45 minutos à Porto” reúne a atualidade sobre o FC Porto, é um programa onde são realizados debates, entrevistas e ainda reportagens. “Azul e Branco”, mostra aquilo que não se conhece do mundo do Futebol Clube do Porto. “Cadeira de Sonho” consiste na procura e descoberta de histórias sobre o amor e paixão de pessoas comuns pelo Futebol Clube do Porto. “Grandes Adeptos”, é um programa de debate sobre a atualidade desportiva do FC Porto, normalmente com um convidado conhecido. Este programa passou da Antena 1 para o Porto Canal. “Invictos”, agregado depois ao programa “45 minutos à Porto”, tem como objetivo mostrar o outro lado dos jogadores, dirigentes, responsáveis e treinadores da formação do clube.

Mais recentemente, surgiu um novo programa de seu nome “Portistas no Mundo”, este procura histórias de vida de adeptos dos azuis e brancos por todo o mundo.

Como vimos anteriormente, o Futebol Clube do Porto não apostou só em conteúdos desportivos, pois também lançou programas que visam dar a conhecer novas histórias do clube. A maior aposta do clube foi sem dúvida a transmissão dos jogos em casa de hóquei em patins e andebol.

O Porto Canal foi ainda a primeira estação de televisão nacional a utilizar uma nova tecnologia para as transmissões em direto. O LiveU, que permite uma grande mobilidade à equipa de reportagem, pois não é preciso uma ligação via satélite. Esta tecnologia possibilita assim a transmissão de informação de um modo mais rápido e mais próximo.

Atualmente o Porto Canal, conta com cerca de 90 pessoas, a variedade de programas é um dos segredos para chegar a vários grupos sociais e etários. O canal apresenta uma grelha com 24 horas de transmissão televisiva com uma produção totalmente nacional.

O canal é dirigido por Júlio Magalhães, já a informação está entregue a Ana Guedes Rodrigues, ambos exerciam funções de jornalista na TVI.

Atualmente, o canal possui dois estúdios, um localizado em Matosinhos, na Senhora da Hora, e o outro no Estádio do Dragão. No centro de produção da sede do Porto Canal, na Senhora da Hora, são emitidos a maior parte dos programas de informação. Este estúdio foi recentemente fornecido de vários cenários virtuais e requalificado com as tecnologias mais modernas. Já no estúdio que se localiza entre o Estádio do Dragão e o Dragão Caixa, são emitidos os programas de entretenimento e os espaços relacionados com o clube do Futebol Clube do Porto.

### **2.5.1. Uma “tática” diferente na BTV**

Quanto ao Sport Lisboa e Benfica foi o primeiro clube português a criar um canal oficial. Foi em 2008, que a Benfica TV surgiu com a primeira transmissão experimental de um jogo a contar para a Taça UEFA, entre Sport Lisboa e Benfica e o Nápoles.

Desde 2008 que a Benfica TV tem sofrido muitas alterações. Em 2013 o Benfica anunciou a aquisição dos direitos de emissão da Premier League para as épocas 2013/2014 e 2015/2016, passando assim a ser um canal pago através de assinatura mensal.

2013 foi também o ano em que a Benfica TV deu a primeira transmissão de um jogo oficial do clube, este frente ao Gil-Vicente no Estádio da Luz. Para além do primeiro canal, foi criado ainda o segundo, de seu nome Benfica TV 2, que estreou com um jogo da Liga Inglesa.

Em 2014, as alterações passaram pela mudança do logótipo, que foi encurtado para BTV. Já em 2015 o canal emitiu a final da *Copa del Rey* e ainda garantiu os direitos de transmissão do campeonato francês e italiano para 2015/2018. Entretanto, o Benfica decidiu vender os direitos televisivos da sua equipa, assim como os direitos de distribuição e transmissão para a NOS, por um período de 3 anos, com a possibilidade de se estender até aos 10 no máximo.

Posteriormente à anterior venda referida, a BTV conseguiu garantir os jogos em casa para a época 2016/2017, contudo, a BTV 2 encerrou as suas transmissões desde da meia-noite de 30 de junho de 2016. Com esta alteração a Sport TV passou novamente a adquirir os conteúdos da Liga Inglesa, transmitindo assim as partidas que no último ano eram “levadas” aos telespectadores pela BTV2. Para além da *Premier League*, a Sport TV passou a ter as ligas Francesa e Italiana que também eram transmitidas no segundo canal da BTV. Canal este que deixou de estar em grelha em todas as operadoras, a partir do momento em que a NOS

arcou a gestão dos direitos televisivos dos jogos do clube da Luz e da distribuição do canal BTV.

Nos dias de hoje a programação da BTV passa pelos programas de informação, transmissão dos jogos da formação do clube, jogos das modalidades e programas de debate e entretenimento.

Os blocos informativos da BTV são, Benfica 10 horas (BEN 10), Benfica 14 horas (BEN 14), Benfica 21 horas (BEN 21) e Benfica 24 horas (BEN 24), onde é dada toda a informação sobre o SL Benfica e sobre todos os desafios em que se encontra envolvido. Nestes noticiários existe ainda um espaço para a informação que marca a atualidade do país e do mundo.

O canal apresenta uma programação bastante extensa, para além dos blocos informativos, a BTV conta ainda com outros programas. “Alta Fidelidade”, “Aquecimento”, “As Regras dos Jogos”, “BTV Now”, “Cine BTV”, “Sonhando SLB”, “Uma Semana do Melhor”, “Em Linha”, “E Pleribus Unum”, “OFF the Record”, “Reportagem Especial”, “105x68”, “Os Momentos”, “Tempo Corrido”, “Lanças Apontadas”, “Grandes Adeptos”, “Sport Lisboa & Modalidades”, “Netpress BTV”, “Jornal O Benfica”, “Pelas Casas do Benfica”, “Jogo Limpo”, “Vitórias & Património”, “Quiosque BTV”, “Não me Canso de Rever Isto”.

“Alta Fidelidade” é onde os jogadores do plantel profissional e não só, são entrevistados frente a frente por Carlos Dias da Silva. “Aquecimento” é apresentado pelo jornalista Hélder Conduto. É um programa sobre futebol, onde há troca de argumentos com pessoas ligadas a esse mesmo desporto. Neste fazem-se as contas, preparam-se as táticas e a equipa entra no aquecimento para o jogo que se segue. “As Regras do Jogo” tem como conteúdo o direito desportivo, aqui existe esclarecimentos por parte dos especialistas nos casos mais complexos e polémicos. O programa “BTV Now” é um bloco informativo sobre toda a atualidade do futebol internacional. “Cine BTV” coloca o canal no caminho da “sétima arte”. Este programa analisa a atualidade cinematográfica, a partir das ante-estreias, entrevistas e lançamentos no mercado. Já o “Sonhando SLB” apresenta um conteúdo um pouco diferente dos anteriormente referidos, este é dedicado a viagens, semanalmente falam com benfiquistas que se encontram espalhados um pouco por todo o mundo. “Uma Semana do Melhor” recupera os melhores momentos transmitidos na BTV. “Em linha” consiste num programa de antena aberta à participação dos telespectadores no fórum BTV, comentando assim os temas em discussão. Por vezes os assuntos não tem propriamente a ver com desporto. Em estúdio têm sempre convidados relacionados com os temas em questão.

Semanalmente, “E Pleribus Unum” vai para o ar com o jornalista Luís Costa Branco na condução das entrevistas a uma figura de destaque, seja ou não da área de desporto. “Off the Record” leva ao grande público tudo o que se passa nos bastidores da BTV.

Um outro programa é o “Reportagem Especial”, tal como o nome indica é um espaço dedicado às reportagens. “105x68”, são exatamente as medidas oficiais do relvado do Estádio da Luz e o nome do programa onde depois de finalizada a jornada desportiva se abre espaço de discussão à volta dos resultados e das classificações. “Os Momentos” faz-se com apanhados, bloopers, vídeos caseiros, imagens dos mais incríveis momentos de desporto, mas não necessariamente os melhores. O objetivo deste é conseguir fazer com que o público solte umas boas gargalhadas. “Tempo Corrido” é um programa de comentário e opinião sobre a atualidade do Sport Lisboa e Benfica, em rubricas que exploram outros assuntos de debate sobre temas inquietantes do país e do mundo. “Lanças apontadas” está a cargo de Ricardo Palacin que é o atual diretor da BTV. Este programa é de debate em estúdio, sobre todos os assuntos de destaque da semana, com os convidados Pedro Ferreira e João Paulo Oliveira e Costa. Maioritariamente o conteúdo é dedicado à análise da atualidade desportiva, porém, também não esquecem a situação social e económica do país. Outro dos programas que é um espaço de debate é o “Grandes Adeptos SLB”, onde se discute temas relacionados com o Benfica. O “Sport Lisboa & Modalidades” como o próprio nome indica, foca-se nas modalidades com os resumos das competições oficiais, entrevistas e muitas curiosidades sobre as equipas e os próprios atletas.

Não é só o Sport Lisboa e Benfica que tem tempo de antena na BTV, o restante futebol, as notícias de Portugal e as últimas do mundo têm lugar no programa “Netpress BTV”.

“Jornal O Benfica” foca-se na edição seguinte do jornal. José Nuno Martins (diretor do jornal) e os seus convidados debatem todos os assuntos e artigos presentes na edição em papel. “Pelas Casas do Benfica” é o nome do programa que transmite informação, principalmente através de reportagens sobre as casas do clube e as delegações vermelhas e brancas que se encontram de norte a sul de Portugal. Aqui também se pode ver imagens, recordações das décadas anteriores e ouvir testemunhos de sócios e simpatizantes. “Jogo Limpo” é um programa de opinião, entrevista e debate, em que o protagonista é Fernando Seara, antigo Presidente da Câmara de Sintra. A semana desportiva, bem como a antevisão à seguinte jornada, são os assuntos comentados pelos convidados.

“Vitórias e Património” é um programa de cariz um pouco diferente dos anteriores, pois trata-se de uma série documental, que engloba praticamente toda a vida do

clube. O objetivo é levar a história do Sport Lisboa e Benfica ao público. Quanto ao “Quiosque BTV”, pode ver-se publicações sobre tudo o que o mundo tem para dar, aqui discutem-se serviços, lançamentos, reportagens, entre outros. Por fim, “Não me Canso de Rever Isto”, é mais um programa de entretenimento, cujo objetivo é fazer rir com vídeos alegres e anedóticos dos convidados.

Todos os programas que foram mencionados anteriormente, encontram-se na programação atual do canal BTV.

A televisão começou por ser um canal aberto, onde a informação que era transmitida tinha um público-alvo definido, os benfiquistas. Hoje em dia, já não é bem assim. E essa mudança fez com que se alterassem muitos aspetos jornalísticos. Entre eles, um fundamental na área do jornalismo, a imparcialidade.

Atualmente, o canal do clube da Luz é fechado, logo leva a que os profissionais que lá trabalham tenham objetivos diferentes daqueles que tinham quando o canal “nasceu” e daqueles que as televisões dos canais dos clubes rivais apresentam. Por exemplo, enquanto que a Sporting TV, um canal aberto, apresenta um público-alvo evidente, ou seja, os sportinguistas, a BTV, presentemente não pode dizer que tem um público-alvo bem identificado.

Este canal quando surgiu tinha uma estrutura idêntica à dos outros dois clubes, isto é, valores como a imparcialidade não entravam em “campo”. Isto pode comprovar-se fazendo uma comparação entre Benfica TV e BTV, ou seja, canal fechado e canal aberto. Comentários, narração de jogos, informação transmitida, são alguns dos aspetos que se modificaram. Desde de que o canal é fechado os profissionais que lá trabalham começaram a ter maiores responsabilidades, quanto à imparcialidade e ao critério. Já os outros dois canais dão a informação, porém “jogam” sempre de maneira a defender a identidade que representam, não fossem eles canais abertos em que o público-alvo são os adeptos do clube em questão.

Atualmente há uma linha que separa o trabalho que se realiza na BTV daquilo que se faz nos canais oficiais da Sporting TV e do Porto Canal, esta separação deve-se muito ao facto do clube da Luz ser um canal em sinal fechado e os outros dois clubes serem transmitidos em sinal aberto.

“É procurada a imparcialidade e a neutralidade (num esforço mais ou menos bem sucedido), que surgem como obrigações óbvias e indispensáveis.

Quando essa imparcialidade não é conseguida ou respeitada, são muitas as vozes que se levantam, acusando e criticando a preferência demonstrada.”

(Coelho, 2004)

**O “VOO” PELA REDAÇÃO DA BTV- DESCRIÇÃO E REFLEXÃO**

**3.1. PROCESSO DE REALIZAÇÃO DE ESTÁGIO**

Nos capítulos anteriores expusemos um quadro teórico que consideramos relevante para a análise do estágio realizado na BTV entre o dia 1 de fevereiro de 2016 e 1 de junho do mesmo ano, num total de 750 horas. O presente capítulo tem por objetivo desenvolver e refletir sobre a atividade desenvolvida por mim nesse estágio.

O estágio curricular que desenvolvi nesta empresa enquadra-se no plano de estudos do Mestrado em Jornalismo, Comunicação e Cultura da Escola Superior Educação Ciências Sociais de Portalegre. O mestrado tem a duração de dois anos, sendo que o primeiro é de componente letiva, onde os professores dão a hipótese aos alunos de realizarem trabalhos na área que lhes interessa, já o segundo, os alunos tem a opção de escolha entre tese, estágio e projeto.

Posteriormente à escolha de especialização profissional, como foi o meu caso, apresentei a proposta de estágio aos professores responsáveis pelo mestrado, de modo a perceber se era possível estagiar na empresa em questão, neste caso a BTV.

Depois de me autorizarem, contactei o meio de comunicação para saber se havia vaga e rapidamente obtive uma resposta positiva. Posteriormente à confirmação reuni com o meu orientador no sentido de planificar o estágio que deve corresponder a um consenso entre os objetivos que estabeleci e as necessidades que a entidade promotora pretendeu que eu respondesse durante o período de estágio.

Já com o protocolo assinado por ambas as instituições foi só seguir para a nova aventura no Estádio da Luz.

Imagem 1 – Logótipo



Fonte própria



### 3.2. CHEGADA À EQUIPA DA BTV

No dia 1 de fevereiro desloquei-me ao Estádio da Luz, onde fui recebida pelo chefe de produção Gonçalo Pina (com quem falei sobre a realização do estágio), juntamente com a presença do chefe de redação Hélder Conduto, que seria o responsável na orientação das minhas atividades na BTV.

Depois de uma explicação detalhada de qual seria a minha função na empresa, o Hélder Conduto apresentou-me aos jornalistas que lá se encontravam e fez-me uma pequena visita guiada pela redação, produção e régie.

A redação é dividida por três turnos e todas as semanas o Hélder Conduto enviava as escalas dos horários, o primeiro turno era das 7:30 às 16:00, o intermédio era das 11:00 às 19:00 e o terceiro era das 16:00 às 24:30.

A redação é composta por mais de uma dezena de jornalistas, alguns deles tinham também a função de editores. Como a redação se encontrava dividida em três turnos, havia três editores por dia. Para além da realização de peças, o editor é o responsável pelos conteúdos, a sua função é selecionar de entre todos os assuntos, de agenda ou não, os conteúdos que considera mais importantes e apropriados tanto para os blocos informativos como para o resto da programação, hierarquizando-os.

Na BTV, os jornalistas são polivalentes, isto é, tanto podem fazer uma peça do futebol como a seguir de atletismo. Nesta redação todos têm de perceber um pouco de tudo, não há jornalistas dedicados a só uma área ou modalidade.

Imagem 2 – Equipa da BTV



Fonte: <https://www.facebook.com/BTVcanal/photos/a.882997431735243.1073741828.877177535650566/1099924623375855/?type=3&theater>

Na primeira semana, o chefe de redação deu-me o horário das 11:00 às 19:00 de modo a adaptar-me ao novo “mundo”. Nos primeiros momentos sentada à frente da secretária deram-me a oportunidade de “descobrir” o programa com o qual os jornalistas trabalhavam.

Ao longo dessa semana acompanhei os trabalhos da redação, de modo a compreender o mecanismo de funcionamento da mesma. E ainda assisti a algumas reportagens no terreno, indo com o jornalista e o repórter de imagem aos acontecimentos. Acompanhava desde a saída até à entrada na redação, onde o jornalista chegava ejetava as imagens, sentava-se na sua cadeira e editava toda a informação conseguida, produzindo assim a peça que iria para o ar. A produção passava pelos programas de edição, o *Dalet* e o *Edius*, com os quais me fui familiarizando ao longo dos dias.

As primeiras reportagens no terreno a que eu assisti foram, uma antevisão ao jogo ABC- SL Benfica a contar para o campeonato nacional de andebol e a realização de um sonho, onde a Fundação Benfica surpreendeu um menino (que tinha uma doença grave) com uma visita ao Centro de Estágio do Seixal.

Na primeira saída que foi referida anteriormente, fui com a equipa destacada até ao Pavilhão nº2 do Estádio da Luz, um complexo que tem capacidade para 1800 pessoas e é destinado às modalidades de andebol e voleibol. Assim que chegámos ao terreno, a jornalista fez questão de explicar como é que tudo funcionava à volta destas peças e ainda falou comigo sobre as questões que iria colocar.

Antes de começar o treino, a jornalista entrevistou um jogador e posteriormente o treinador da equipa. As questões que lhes foram colocadas tiveram como objetivo principal perceber o que esperar do embate, que colocava frente a frente duas das melhores equipas portuguesas da modalidade.

Quanto ao repórter de imagem, depois das entrevistas colocou-se em posição para conseguir as melhores imagens do treino para posteriormente a jornalista na redação “pintar”. É um trabalho de equipa, em que ambos antes de irem para o local do acontecimento, falam entre eles de modo a perceber o que se pretende, o que se vai fazer e como se vai fazer.

De volta à redação, mas já com a informação que se queria, a jornalista começou por escolher os “vivos”, escrever o pivô e depois redigir o texto para a peça. Durante as tarefas a jornalista foi-me explicando tudo e foi-me perguntado o que eu faria no lugar dela. Já com o texto escrito, a jornalista sonorizou e logo depois começou a editar a peça. Já com os vivos escolhidos foi só cortar os *offs*, pintar, colocar os oráculos (nome e cargo) e os destaques. Neste caso, o treinador de andebol é espanhol e por isso foi preciso fazer legendas, essas foram feitas no programa *Edius* e depois exportadas para o *Dalet*, de modo a que a

jornalista continuasse a sua edição. Depois de finalizar, colocou no alinhamento que o editor criou e ficou pronta a ser transmitida.

O alinhamento, é onde está reunida toda a informação relativa à construção de um jornal televisivo. Aqui pode encontrar-se os nomes das peças, reportagens, diretos, entrevistas e todos os outros elementos que estão ligados a um jornal ou a um programa, tal como a duração e outras informações de natureza técnica.

Já o segundo acontecimento que acompanhei foi de cariz um pouco diferente. No dia de aniversário de um menino que combatia uma doença grave, a Fundação Benfica decidiu oferecer-lhe uma prenda, levá-lo até ao Centro de Estágio do Seixal, para conhecer todo o plantel principal do Sport Lisboa e Benfica. A equipa de reportagem da BTV, acompanhou esse momento, o de sonho para aquela criança. Ao longo da manhã, todo o plantel, um a um, foi cumprimentar o rapaz, muitos foram os *flashes* disparados e os autógrafos dados àquela criança que mostrou uma felicidade enorme. O repórter de imagem como já sabia o que a jornalista pretendia, captou todos os planos que achou importante para a realização da peça. Durante o acontecimento, a jornalista mostrou total abertura, de modo a esclarecer todas as dúvidas que me iam surgindo.

A profissional que acompanhei entrevistou três pessoas, sendo que o microfone me foi passado para a mão num dos entrevistados, nessa altura foi-me dito para colocar as questões que achasse oportunas. Fui apanhada desprevenida mas assim que peguei no microfone, deixei o nervosismo para trás e coloquei as questões. Para mim o mais complicado foi deparar-me com a situação grave pelo qual o menino estava passava, consegui não transparecer, mas foi um pouco difícil controlar as emoções, pois estava perante um menino que até ali “driblou” a vida sempre com um sorriso e com a sua força de vencer. Posto isto, voltámos à redação e foi-me proposto fazer o texto. Aceitei o desafio e coloquei as “mãos à obra”, senti que estavam a confiar em mim e no trabalho que eu poderia fazer. Escolhi os vivos, escrevi o texto e o pivô e quando terminei, mostrei o que tinha escrito, de modo a perceber se o que tinha feito estava bom ou se precisava de algumas alterações. Posteriormente, com alguma ajuda por parte dos jornalistas, montei a peça no programa de edição e umas horas depois estava sentada a ver na televisão o que tinha realizado.

Entretanto na redação, montei também uma peça de antevisão ao jogo SL Benfica- SA Mérignac a contar para a Liga Europeia de hóquei em patins. A equipa francesa visitava o Pavilhão Fidelidade no último jogo da fase de grupos. Este Pavilhão ocupa uma área bastante extensa e destina-se ao futsal, hóquei em patins e basquetebol. Neste caso, as entrevistas já estavam feitas e as imagens tiradas, eu só tive de escrever o texto e editar. Na

escrita tive algumas dificuldades, pois estava a abordar algo que eu não tinha acompanhado de início, ou seja, não estava bem dentro do assunto.

Na primeira semana ainda fui ao terreno com outra equipa de reportagem, desta vez deslocamo-nos até ao campo de futebol exterior do Estádio da Luz. Aqui a notícia era o 2º aniversário da Escola de Futebol Benfica do Sumba, que se diferencia de todas as outras porque é 100% social, as crianças entram e a única exigência que se pede é o aproveitamento escolar.

A jornalista que acompanhei falou-me um pouco da Geração Benfica, explicou-me o que ia fazer nas entrevistas e esclareceu-me algumas dúvidas que coloquei relativamente ao modo de desenvolvimento da peça. Assim que chegamos à redação, a jornalista propôs que eu escrevesse o texto e que editasse a peça. E assim foi, fiz uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto e depois foi só juntar à informação que nos foi concedida nas entrevistas. Escrevi o texto, mostrei o que tinha feito e a jornalista mostrou-se logo disponível para me ajudar, sentou-se ao meu lado a conferir o que eu tinha feito e sempre que surgia alguma alteração ou questão, a jornalista fazia questão de me esclarecer, de modo a não ficar com nenhuma dúvida. Já com o texto feito e gravado, editei a peça, mas aqui tive um novo desafio, para pintar alguns *offs* precisei de fotografias da Escola de Futebol Benfica do Sumba e para isso tive de ir buscar algumas às redes sociais, trabalhá-las no *Edius* (efeitos, zoom) e só depois exportá-las para o *Dalet*. Como ainda não estava à vontade nos programas, tive do início ao fim apoio na montagem da peça final.

Por falar em desafios, ao longo da primeira semana foi-me dado uma nova tarefa, a realização das generalistas, isto é, escrita e edição de notícias da atualidade sobre o país e o mundo.

As generalistas têm um espaço no final de cada jornal, com uma duração que habitualmente chega os dois minutos. A BTV transmite o Benfica 10 horas, o Benfica 14 horas, o Benfica 21 horas e o Benfica 24 horas e normalmente todos os blocos informativos contêm as generalistas. Este espaço é atualizado ao longo do dia, com as notícias que marcam o dia-a-dia, de modo a levar aos espetadores tudo o que se passa no mundo. A atualização é feita consoante o acontecimento. Neste desafio, pesquisava nos mais variados meios de comunicação social o que se estava a passar de mais importante no país e no mundo, aprofundava e escrevia o texto, mas sempre atenta às fontes de onde tirava as informações. Como em todas as tarefas que fazia, mostrava os textos e o que tivesse de ser alterado era e só posteriormente era gravado. Quanto às imagens ou vídeos que utilizava para pintar, ia buscar ou à SIC Notícias, da qual tínhamos autorização, ou então ao *youtube*, porém, tinha de ter

atenção ao que lá ia buscar, pois se o que queria exportar tivesse algum meio identificado, não podia utilizar, mas sim procurar outro que não compromettesse o trabalho. Para além do texto, das imagens ou vídeos para pintar, tinha de colocar em todas as notícias destaques com títulos. No início demorava muito tempo a construir as generalistas e isso prendia-se muito com o facto de ter dificuldades em exportar os vídeos ou imagens para o *Edius*, converter os ficheiros, passar para algumas pastas e só depois exportar para o *Dalet*.

Em cinco meses de estágio, foram raros os dias em que não trabalhei as generalistas e isso ajudou-me a evoluir, de tal modo, que no início demorava horas e horas a fazer e umas semanas depois numa hora e pouco conseguia ter tudo pronto.

### **3.2.1. Da redação para o terreno**

A partir da segunda semana começou a aventura sozinha no terreno, pois foi-me dada a possibilidade de fazer o primeiro serviço como jornalista. Todos os dias recebia a agenda do dia seguinte onde se encontrava os serviços marcados e a respetiva equipa de reportagem convocada para tal. E o meu nome surgiu num evento no âmbito do projeto “Benfica Faz Bem” da Fundação Benfica.

Assim que soube que ia ao evento, falei com o editor de serviço para saber o que se pretendia com a peça. O editor colocou-me à vontade e tanto ele como os jornalistas que se encontravam na redação apoiaram-me e disseram que ia correr tudo bem. O primeiro desafio com o qual me deparei nesta saída, foi precisamente o nervosismo.

Durante a viagem até ao Barreiro, o repórter de imagem, respondeu-me a muitas questões que lhe fui colocando sobre o trabalho na BTV, deu-me alguns conselhos a nível jornalístico e ainda falou da sua larga experiência de “câmara na mão”. A saída foi até à Escola Secundária de Santo André, onde atletas da equipa de voleibol e do atletismo responderam a algumas questões dos utentes da Associação NÓS.

Posteriormente à sessão de esclarecimento, às fotografias e aos autógrafos foi a minha vez de entrar em ação e já de microfone, entrevistei o Roberto Rychard, jogador de voleibol, Pedro Isidro, atleta de marcha, David Silva, utente da associação e ainda o Humberto Candeias, técnico da associação. O nervoso miudinho que tinha ao início foi-se perdendo ao longo das entrevistas.

Já a nível deontológico, o utente que entrevistei era menor, porém, não houve problema nenhum, pois todos apresentaram as autorizações, tanto para serem filmados como para falar para a BTV.

Nesta primeira saída, o repórter de imagem foi-me sempre dando indicações de modo a melhorar a minha postura, fosse a nível de posicionamento relativamente ao entrevistado e à câmara, fosse a nível jornalístico.

Este foi o primeiro trabalho que fiz do início ao fim, ou seja, fui ao terreno, acompanhei o evento, fiz as entrevistas, escrevi o texto e editei a peça. O meu primeiro grande desafio como jornalista estagiária na redação da BTV.

Imagem 3 - Primeira saída



Fonte própria

Até aqui, decidi contar um pouco mais ao pormenor os primeiros contatos com este “novo mundo”, para assim se perceber um pouco dos métodos de trabalho da redação BTV.

Depois da experiência anteriormente referida, a equipa da BTV deu-me várias oportunidades de ir para o terreno sozinha, tanto em reportagens fora do Estádio da Luz como em antevisões aos jogos das várias modalidades.

As antevisões foi dos trabalhos que realizei e que mais desafios me colocaram e com os quais aprendi imenso. Eu fiz antevisões de futsal, de basquetebol, de andebol, de hóquei em patins e de voleibol e cada uma delas era única, pois os jogos em questão tanto podiam ser para o campeonato nacional, para a taça de Portugal como para uma competição europeia. Os objetivos eram diferentes e o método de trabalho de cada modalidade também diferia. Assim sendo, tive de ir fazendo um extenso trabalho de casa à volta de todas as modalidades, para ficar a par de todos os assuntos. Como por exemplo, as histórias de cada equipa, os títulos e conquistas do palmarés, os plantéis, entre outros.

No caso das antevisões, o método de trabalho era o mesmo, cortava os vivos, escrevia o texto e montava a peça. Em algumas entrevistas, tive de agarrar um desafio novo, a

legendagem, pois muitos jogadores e treinadores são de nacionalidade estrangeira. Tive várias vezes o caso de legendar as respostas do treinador de andebol do SL Benfica, Mariano Ortega, que é espanhol. Para além de ter legendado “vivos”, legendei também entrevistas via telefone, inclusive uma em que entrevistei uma nova contratação para a equipa de voleibol do SL Benfica.

Foi complicado familiarizar-me com a legendagem, pois em cinco meses o contato não foi constante e isso dificultou a aprendizagem. Por vezes os jornalistas disponibilizavam-se e voltavam a repetir o processo para me lembrarem os passos.

Para além das antevisões nos pavilhões da Luz, tive outras saídas em reportagem com as quais fui aprendendo e crescendo, pois todas elas foram únicas e todas tinham algo de novo para me ensinar. Geralmente as saídas eram agendadas e combinadas entre a produção e o chefe de redação, sendo assim, normalmente sabia com antecedência os trabalhos que ia fazer e com quem ia falar. Nesses casos quando chegava aos locais já ia com a pesquisa toda feita, porém, também me sucedeu ir fazer alguns trabalhos à última da hora, sem nada preparado. Exemplo disso mesmo, foi uma ida a Pombal ao campeonato nacional de pista coberta, em que era para ir um colega estagiário mas que em cima da hora não conseguiu comparecer.

Antes de ir para o local, o editor deu-me algumas informações e mesmo sem saber ao certo o que se ia passar, fui a Pombal e foi sem dúvida mais um grande desafio. Ao longo da viagem falei com jornalistas de outros meios de comunicação, fiz pesquisas relativamente aos campeonatos nacionais de pistas coberta, de modo a perceber um pouco mais daquilo que ia encontrar. Já no local do evento, foi entregue à comunicação social uma pasta com informação, com a qual eu me guiei durante as provas.

Neste dia, o medo de errar e o nervosismo por saber que não estava dentro do assunto, estiveram muito presentes, porém, o repórter de imagem que foi comigo, procurou sempre tranquilizar-me e ajudar naquilo que fosse preciso.

Durante o dia realizei várias entrevistas, uma das quais muito emotiva, o entrevistado uns minutos antes tinha batido um *record*. Ainda hoje, me recordo dos olhos expressivos do atleta, eram o espelho da felicidade.

Dada a chegada tardia à redação, só no dia seguinte editei a peça. Uma jornalista que costuma acompanhar de perto o atletismo seguiu o meu trabalho, fez algumas correções e ensinou-me mais sobre a modalidade em questão.

Imagem 4 – Reportagem de última hora: pista coberta de atletismo



Fonte própria

De “salto” em “salto”, por vezes era destacada para fazer pequenas peças ou um *vox pop*, sobre as expectativas dos adeptos relativamente à jornada seguinte de futebol. Aqui, também fui algumas vezes apanhada desprevenida, pois era o próprio chefe de redação ou o editor de serviço que muitas das vezes decidiam em cima do acontecimento. Estes trabalhos realizavam-se consoante vários fatores, como por exemplo, a importância do jogo, o alinhamento do jornal, o número de adeptos, que estavam no estádio para adquirirem os bilhetes, entre outros.

Ao fazer este género de trabalhos, o maior desafio foi sem dúvida arranjar pessoas que quisessem falar para a câmara. Recebi vários não e a partir de um determinado número de respostas negativas começava a ficar sob pressão e preocupada com o trabalho, pois um outro fator com o qual tinha de jogar era com o tempo. Muitas das vezes, ia fazer estes trabalhos e passado uns minutos, a peça ou o *vox pop* tinha de estar no ar.

### **3.2.2. Mais que um “voo” são as históricas que ficam**

Agendados ou não, todos os trabalhos me marcaram de alguma forma, o ensaio da peça do Eusébio, “Um hino ao futebol”, o funeral do sócio nº 1 do Benfica e a ida à prisão de Tires, foram três das reportagens que ainda hoje me recordo com alguma emoção.



A primeira que referi anteriormente, foi uma peça de cariz um pouco diferente daquilo que já tinha feito, lidei com pessoas do âmbito das artes, como a Sofia Escobar, o Diogo Amaral, a Cláudia Semedo, entre outros atores e dançarinos. Esta foi uma reportagem com uma carga emotiva grande, pois o musical recordava a vida de uma grande figura do Sport Lisboa e Benfica, Eusébio da Silva Ferreira, que brilhou dentro e fora das quatro linhas. Porém, em cinco meses de estágio, a reportagem que mais me “assustou” foi sem dúvida o funeral do sócio nº1 do SL Benfica. Assim que me informaram que ia para o local a minha reação foi praticamente instintiva, dirigi-me ao editor de serviço e questionei, mas o que é que eu vou perguntar numa situação destas. Fiquei um pouco reticente quanto àquilo que iria conseguir desenvolver, pois por um lado queria fazer o meu trabalho como jornalista, mas por outro, não queria importunar os familiares, naquele que era um momento de dor. Posteriormente à minha reação, o editor aconselhou-me e disse que iriam estar presentes algumas figuras do Sport Lisboa e Benfica, a quem eu podia fazer algumas questões sobre o sócio número um do clube. E assim foi, entrevistei o vice-presidente do Sport Lisboa e Benfica, Rui Gomes da Silva, que esteve no local do adeus.

Esta saída deu-me uma maior capacidade para encarar certos desafios, pois estar num local repleto de tristeza não é fácil e o ser humano deixa-se contagiar muito facilmente, os sentimentos por vezes falam mais alto, mas eu tentei ao máximo abstrair-me, de modo a não prejudicar o que ia fazer. Foi uma saída que mexeu imenso comigo.

Outra das reportagens que me tocou de forma diferente, foi uma ida à prisão de Tires, onde a equipa de futsal feminina do Sport Lisboa e Benfica jogou e presenteou a formação de reclusas com novos equipamentos. O objetivo foi dar continuidade à prática desportiva no estabelecimento prisional.

Tocou-me de forma diferente porquê? Porque ao contrário da outra saída que referi anteriormente, não consegui abstrair-me de todo da situação que naquele momento me rodeava. Estava perante muitas mulheres, entre elas, raparigas da minha idade e até mais novas que se encontravam presas, mas o que mais me desinquietou foi o facto de ver crianças lá dentro, algumas de meses, pois muitas daquelas mulheres são mães e tem os seus pequeninos com elas. Fez-me muita confusão ver mães e filhos lá dentro, eu só me perguntava o porquê de elas estarem ali. Algumas daquelas crianças pediram-me colo e esse foi um dos momentos mais marcantes e que mais me envolveu em toda aquela situação, apesar, de ter estado sempre ciente do trabalho que ia lá desenvolver.

Foi um grande desafio para mim “viver” de perto toda aquela situação, ver tantas jovens na prisão, bebés de colo nos carrinhos, testemunhar momentos de ternura entre mães e

filhos, enfim foi uma mistura de fatores que me cercou de certa forma. Mas foi um desafio superado e compensador, eu e a repórter de imagem chegámos à redação mais iluminadas com os muitos sorrisos que vimos e recebemos neste dia.

Em todas as saídas que referi anteriormente, fiz entrevistas, realizei os textos, escrevi os pivôs e editei as peças. Os textos foram todos vistos antes de serem gravados e sempre que havia alguma alteração para fazer, os jornalistas explicavam-me o porquê. Relativamente à edição já estava mais à vontade, porém, antes de colocar no alinhamento qualquer trabalho, verificava sempre com o editor ou com um jornalista, de modo a que não fosse nenhum erro para o ar.

Imagem 5 – Régie BTV

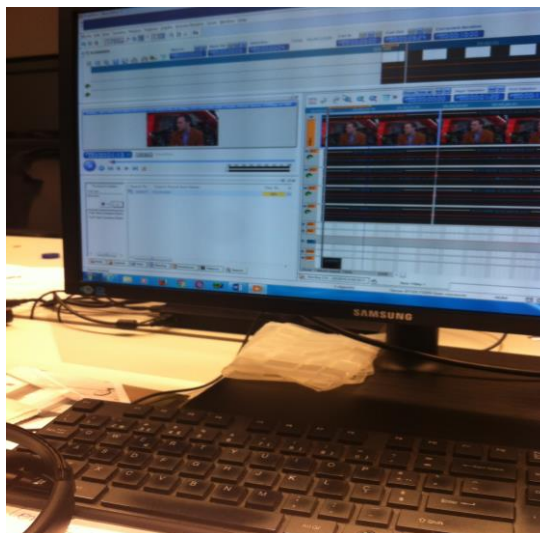


Fonte própria

Fui também acompanhar a apresentação do livro, “ 1966 – Homens com pressa, no auditório da feira do livro, fiz uma visita ao Museu Cosme Damião no dia internacional dos monumentos, desloquei-me algumas vezes ao aeroporto de Lisboa em situações de chegadas ou partidas de equipas da formação do Sport Lisboa e Benfica ou de elementos do atletismo, que representaram a seleção nacional nos campeonatos Ibero americanos que se realizou no Rio de Janeiro. Acompanhei também o I seminário de Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário, no Fórum Municipal Romeu Correia, em Almada, onde a Fundação Benfica participou. E ainda tive a oportunidade de fazer um jogo da formação entre o Belenenses e SL Benfica. Fui até ao estádio do Restelo fazer o resumo, porém, não me foi dado a ficha de jogo com o alinhamento das duas equipas e isso foi um grande obstáculo para o meu texto. O editor quando o viu perguntou-me logo porque é que em x jogada não tinha o nome e sim o número do jogador, eu expliquei o que tinha acontecido. O editor percebeu, mas disse-me que não se podia repetir e tinha sim de insistir com eles, pois tinham que me ter disponibilizado a ficha de jogo.

Tal como as outras, estas peças também foram escritas e editas por mim, sempre com o mesmo método de trabalho que tenho vindo a referir ao longo deste capítulo.

Imagem 6 – Programa de edição



Fonte própria

### 3.2.3. Cinco meses de aprendizagem

Tenho a dizer que cresci em alguns aspetos com as “aventuras” que tive fora da redação, notei uma evolução, por exemplo, no à vontade com o microfone, o nervosismo e a ansiedade diminuíram, ao longo do tempo a colocação de voz foi mostrando uma maior confiança. A minha postura perante os desafios que me foram colocados, surpreendeu-me pela positiva.

Além das oportunidades que me deram de ir para o terreno sozinha, tive também possibilidades de aprender a realizar outros trabalhos na redação da BTV. Executei alguns resumos de jogos das modalidades, tanto das equipas seniores como dos escalões de formação, fiz cortes de excertos de alguns programas, como por exemplo, do “105x68”, “BTV Now”, “Alta Fidelidade” e “Em Linha”. Normalmente os excertos eram de convidados ou comentadores que abordavam e discutiam vários temas. Os cortes eram feitos consoante a importância dos assuntos e posteriormente colocados no alinhamento dos blocos informativos.

Também trabalhei nos *flashes* de alguns jogos, escrevi *offs* para o pivô, cortei algumas conferências de imprensa da Seleção Nacional no Europeu de França, realizei alguns trabalhos sobre a Liga Inglesa e ainda tive a oportunidade de acompanhar uma jornalista a

duas conferências de imprensa, uma do treinador da equipa B do Sport Lisboa e Benfica, Hélder Cristóvão, e outra do treinador da equipa principal da Luz, Rui Vitória.

Nesta última que referi, assisti a vários diretos e métodos de trabalho de jornalistas dos outros meios de comunicação social. Com isto, também consegui perceber os procedimentos à volta de uma conferência de imprensa.

Imagem 7 – Conferência de imprensa



Fonte própria

No último dia de estágio vivi algo de novo, fui fazer reportagem das gravações do novo anúncio publicitário do *RedPass* e para além do trabalho que me pediram, ainda tive a experiência de entrar nesse mesmo spot como jornalista numa conferência de imprensa, ou seja, fui “atriz” por um momento.

Na redação, um dos acontecimentos que me marcou nesta aventura de cinco meses, foi sem dúvida o dia em que o Sport Lisboa e Benfica se sagrou tricampeão no Estádio da Luz, dia em que eu estava a trabalhar. Foi um momento único a que eu pude assistir de perto, neste dia atribuíram-me algumas tarefas, nomeadamente, cortes de “bocas” dos jogadores do SL Benfica nos festejos do título, “bocas” dos entrevistados no camarote, conferência de imprensa dos treinadores das duas equipas, SL Benfica e Nacional da Madeira, e outras reações dentro das 4 linhas. Aqui o grande desafio foi sem dúvida lidar com a pressão do tempo, pois algumas tarefas tinham de estar prontas logo após o apito final do jogo.

Neste dia assisti a um verdadeiro “corrupio” na redação, pois estava tudo de serviço, uns na redação a fazerem diretos, peças, *offs* e cortes, outros em diretos a partir do campo com os jogadores e equipa técnica, outros em diretos com os adeptos e ainda houve equipas de reportagem a acompanharem os tricampeões até ao Marquês de Pombal. Este foi um dos momentos que não irei esquecer, único e de muita aprendizagem.

Eu conheci imenso com tudo o que me foi facultado para fazer na redação, deram-me a oportunidade de realizar um pouco de tudo e isso levou-me a aprender e a crescer dia

após dia. Durante as semanas que lá estive, ganhei sempre algo de novo, fosse a acompanhar um jornalista, fosse a fazer as generalistas, uma peça, um corte de uma “boca”, um *off*, ou um outro trabalho.

Com os jornalistas na redação, aprendi principalmente ao nível da escrita, colocação de voz e montagem de peças (oráculos, destaques, planos, legendas, etc.). Para além do que referi anteriormente, as críticas construtivas que recebi foram uma mais-valia para o trabalho que realizei na BTV. Errei algumas vezes, porém esses mesmos erros foram vistos e revistos, por pessoas que perdiam uns minutos ao pé de mim para que eu percebesse o que tinha feito de incorreto. Isto, para dizer que foi muito relevante ouvir elogios de trabalhos que realizei, mas tão ou mais importante foi ter pessoas na redação que me apontavam os erros e logo a seguir, tinham a capacidade de me explicar o porquê dessas incorreções. E só com esses esclarecimentos, eu pude perceber e evoluir para que tal não voltasse a acontecer.

Durante o tempo que passei na redação, também percebi a velocidade a que chegavam as informações e o empenhamento que os jornalistas apresentavam, de modo a que tudo estivesse pronto a horas de ir para o ar. Nos primeiros tempos os meus “voos” eram um pouco lentos, pois ainda não tinha aquela rotina e ainda estava a adaptar-me aquele “novo mundo”. Dia após dia fui ganhando os hábitos da redação e comecei então a “voar” mais rápido, a gerir melhor o tempo e a lidar melhor com a pressão de ter tudo pronto a horas de ser transmitido.

Ao longo deste capítulo tenho falado muito nos jornalistas e no trabalho que desempenham, porém, há um elemento fundamental para que no final a peça vá para o ar em condições de ser vista, é ele o repórter de imagem. Sem este profissional, o jornalista não possui o material necessário para a realização do trabalho, os planos fazem o texto, complementam-se, logo tem que haver um trabalho conjunto para que todo o processo corra bem. Os repórteres de imagem durante o tempo que estive na BTV também me ajudaram a melhorar, deram-me conselhos, dicas, apoiaram-me em situações em que tive mais dificuldades e ainda me esclareceram algumas questões sobre as câmaras, os planos e as imagens. A comunicação entre jornalista e repórter de imagem é sem dúvida muito importante para o resultado final do trabalho.

Imagem 8 – Câmaras



Fonte própria

Todas as experiências vividas nos cinco meses de estágio revelaram-se muito compensadoras e gratificantes, tanto a nível pessoal como a nível profissional. Foi possível perceber e sentir um pouco na pele, as dificuldades com que o jornalista se depara no seu dia-a-dia.

Este estágio para mim foi uma mistura de trabalho e prazer, fazendo o que mais gosto, pelo que gosto.

### 3.4. SERÁ QUE EXISTE UMA LINHA QUE SEPARA A BTV DO JORNALISMO?

No decorrer do meu estágio na BTV, pude trabalhar inserida na redação com os profissionais. Isso permitiu-me perceber qual o tipo de trabalho que ali é desenvolvido, tendo em conta que se trata de uma televisão de um clube de futebol.

Um dos aspetos mais polémicos que tem rodeado estes projetos (canais oficiais dos clubes) é se podemos efetivamente, falar em trabalho jornalístico.

Bárbara Alves, jornalista da BTV, não tem dúvidas quanto ao que se faz na redação. “ Na BTV fazemos jornalismo e somos jornalistas. O tratamento que fazemos de cada material é estritamente jornalístico obedecendo às regras de cada formato jornalístico.”<sup>3</sup> Mas essas regras são muitas vezes colocadas em causa pelo público, que tem muitas dúvidas em relação à informação produzida por um canal que está ligado a um clube, questionam os procedimentos éticos, nomeadamente a imparcialidade e o rigor com que a informação é passada aos telespectadores.

Para Carina Bento, jornalista da BTV, há outro especto que faz com que se “levante” alguma desconfiança em relação ao trabalho que se realiza. “ Muitas vezes a dúvida coloca-se por uma questão de rivalidade clubística já que cada um quer defender o seu clube, então parte do princípio que o nosso trabalho é defender a entidade patronal mesmo que para isso tenhamos de mentir ou inventar. Pois cabe-nos a nós não produzir uma informação mas simplesmente informar os factos e lá diz o povo que “ só quem vive no convento sabe o que vai lá dentro” e assim, uma coisa é certa, só damos a informação verdadeira daquilo que realmente aconteceu e não do que se especula que tenha acontecido. Além disso e para que fique esclarecido, tal como todos os jornalistas, nós também obedecemos ao código deontológico que nos obriga a ser isentos.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Entrevista pessoal a Bárbara Alves – 23 de fevereiro de 2015

<sup>4</sup> Entrevista pessoal a Carina Bento – 14 de fevereiro de 2015

Se o trabalho destes profissionais não fosse identificado aos clubes talvez o pensamento fosse outro. Bárbara Alves refere, “creio que se olhassem para o nosso trabalho de forma imparcial e com paixões clubísticas de lado, perceberiam que somos profissionais com as mesmas virtudes e erros como em qualquer outro meio de comunicação.”<sup>5</sup>

A BTV é um canal que apresenta uma vasta programação, atualmente informação e entretenimento são dois espaços que na opinião de Nuno Saraiva, jornalista da BTV, se encontram perfeitamente identificados. “A BTV tem espaço informativos e são óbvios quais são os principais, os jornais. A BTV tem também espaços de puro entretenimento, algo que o nosso Diretor sempre fez questão que fosse uma das apostas do canal. Nesta altura os dois departamentos estão perfeitamente explícitos.”<sup>6</sup>

Todas as redações e empresas de comunicação apresentam uma linha editorial e a BTV não é exceção. “Somos um canal autorizado pela ERC, como tal temos que responder a determinados critérios naturais em todos os meios de comunicação. É isso que fazemos. Temos uma linha condutora que se adequa ou se rege pelo estipulado pela BTV mas também em conformidade com as regras do jornalismo”<sup>7</sup>, afirma Nuno Machado, jornalista da BTV.

Contudo, para Nuno Machado é natural que em determinados espaços a comunicação seja direcionada para um certo público-alvo, mas o jornalista da BTV, salienta que “em informação, seguindo a linha editorial, a comunicação tem que ser séria e objetiva. É isso que é feito. Prova disso, é que desde que a BTV transmite os jogos do clube nunca recebeu queixas do trabalho dos jornalistas nas reportagens e narrações do Benfica. É um trabalho sério e equitativo no que diz respeito ao Benfica e ao adversário. Essa ideia estende-se a tudo o resto.”<sup>8</sup>

Recorde-se que a BTV começou a ser transmitido em canal aberto, hoje em dia isso já não se verifica, visto que o canal passou a ser pago. Essa alteração levou a que houvesse uma maior aposta em todos os sentidos, em pessoas, em meios técnicos, mas a principal mudança foi tentar fidelizar o espetador não só aos programas como também às caras. Sendo assim, a BTV já passou por duas realidades distintas. “Na primeira éramos, aquilo a que podemos chamar, um canal com informação puramente institucional. As nossas fontes eram a informação oficial, apenas. Quando passámos a ser canal Premium isso mudou”<sup>9</sup>, afirma Nuno Saraiva.

---

<sup>5</sup> Entrevista pessoal a Bárbara Alves – 23 de fevereiro de 2015

<sup>6</sup> Entrevista pessoal a Nuno Saraiva – 13 de novembro de 2016

<sup>7</sup> Entrevista pessoal a Nuno Machado – 26 de outubro de 2016

<sup>8</sup> Entrevista pessoal a Nuno Machado – 26 de outubro de 2016

<sup>9</sup> Entrevista pessoal a Nuno Saraiva – 13 de novembro de 2016

Ao longo dos 5 meses de estágio pude constatar que as rotinas, a dinâmica e a organização da redação é em tudo semelhante a um projeto jornalístico. Há um chefe de redação e um coordenador de informação que em conjunto tentam delinear o plano para o dia seguinte. No próprio dia, cada turno tem um editor, este é o responsável pela distribuição de tarefas aos jornalistas, bem como dos alinhamentos dos jornais. Existe uma reunião onde se definem esses trabalhos.

A seleção noticiosa é feita consoante a importância dos acontecimentos, embora, como é natural, tendo em conta que se trata de uma televisão de um clube de futebol quase todo o noticiário é relativo ao Sport Lisboa e Benfica. Apesar do conteúdo ser quase todo sobre o clube uma coisa é certa, rigor e verdade são duas das palavras que marcam a redação, e eu pude constatar isso mesmo. Carina Bento falou ainda da questão da imparcialidade.

“Tem obrigatoriamente de ser verdadeira, rigorosa e isenta, mas naturalmente que não faria sentido ser totalmente imparcial, mesmo porque noventa por cento dos nossos jornais são preenchidos com notícias referentes ao Benfica. Mas reforço, nós não mentimos, enganamos ou fabricamos informação conforme as conveniências. Existe transparência na BTV.”<sup>10</sup>

As notícias sobre o futebol normalmente são transmitidas em primeiro e ocupam mais tempo, porém, se houver algo de mais relevante que tenha acontecido nas modalidades ou num outro evento, a BTV não tem problema em noticiar logo a abrir o jornal. Nos noticiários as modalidades também são um dos focos informativos do canal. A televisão do clube foi muito importante no contexto nacional, nomeadamente com a transmissão das modalidades. Estas vieram ganhar um maior espaço na televisão portuguesa, logo uma maior visibilidade. Aqui, a vitória não foi para um clube em concreto mas sim para o desporto em geral.

“De há 8 anos para cá, surgiu nas TV’s basquetebol, andebol, hóquei em patins e por aí fora. Um vazio criado com o aparecimento da SportTV (não da sua responsabilidade mas uma consequência indireta). Felizmente hoje em dia o desporto parece estar novamente em voga e por exemplo a TVI 24 a par da RTP estão a voltar a investir. Mas em 2008 já o Benfica transmitia as modalidades e levava em sinal aberto o desporto a casa dos telespetadores”<sup>11</sup>, refere Nuno Machado.

Seja uma peça de futebol, seja uma reportagem de cariz diferente, os jornalistas fazem sempre a investigação necessária para a realização do trabalho, pesquisam, fazem os contactos, marcam as entrevistas, entre outros. Assim que têm todo o material recolhido, é

---

<sup>10</sup> Entrevista pessoal a Carina Bento – 14 de fevereiro de 2015

<sup>11</sup> Entrevista pessoal a Nuno Machado – 26 de outubro de 2016



necessário criar o texto da peça em sintonia com as imagens e as entrevistas. Depois de concluída a peça fazem o *link* para o alinhamento do jornal.

Nas saídas em reportagem os jornalista contam com a ajuda da produção que atempadamente trata de alguns assuntos que envolvem a ida de uma equipa de reportagem ao terreno. Por exemplo, quando ia fazer algum trabalho ao aeroporto tinha de ter a autorização da entidade responsável de modo a podermos entrevistar e captar imagens do interior do aeroporto. Havia sempre esse cuidado de modo a que a BTV fizesse o seu trabalho de forma legal, sem haver entraves.

Também realizei alguns trabalhos onde estavam menores inseridos, o caso da reportagem “ Benfica Faz Bem”, o caso da reportagem na prisão de Tires, entre outros. No primeiro anteriormente referido, os menores tinham autorização para serem entrevistados e filmados, já no segundo caso, as crianças não podiam aparecer nos planos e isso levou a que houvesse uma maior atenção da minha parte mas principalmente do repórter de imagem. O acontecimento foi noticiado e a privacidade das crianças foi respeitada. Por falar em respeito, no caso do funeral do sócio nº1 do Benfica, as informações recolhidas foram de fontes que não pertenciam à família e que se encontravam em estado sereno e não em momentos de exaltação ou sofrimento. Não ter entrevistado familiares naquele momento prendeu-se precisamente pelo respeito naquela hora de dor. Como já referi neste capítulo, eu falei com o editor sobre as entrevistas que ia fazer e a compreensão de não optar por os familiares foi imediata.

De referir que na redação o respeito pelo trabalho e o cumprimento das regras também impera. Por exemplo, a BTV não têm autorização para tirar imagens de alguns meios de comunicação social, então os profissionais da informação não desrespeitam, fazem na mesma os trabalhos e se precisarem de imagens socorrem-se dos meios de onde podem tirar. Eu realizei algumas peças em que os jornalistas logo me explicaram de onde não podia ir retirar imagens. Exemplo disso mesmo, foram as conferências de imprensa da Seleção Portuguesa de futebol, no Europeu. Visto nenhuma equipa de reportagem da BTV lá estar, eu tinha de ir buscar excertos das conferências a outro meio de comunicação que lá marcasse presença, mas acima de tudo que autorizasse a utilização das imagens na BTV. Todos os trabalhos “pintados” com imagens de outros canais, eram devidamente identificadas e autorizadas a serem transmitidas.

Para além do respeito, a BTV tem também cuidado com a informação que passa aos telespectadores, prova disso mesmo são as notícias sobre novas contratações para o clube da Luz, isto é, enquanto os outros meios de comunicação social associavam novas caras ao

emblema encarnado e confirmavam jogadores no Benfica, a BTV esperava pela confirmação oficial do clube de modo a noticiar a verdade ao público, sem especulações e sem mentiras. “Uma notícia só sai quando deve sair. Não podemos fazer o que outros órgãos fazem que é especular, ou supor, só transmitimos informações de factos consumados.”<sup>12</sup>, afirma Carina Bento.

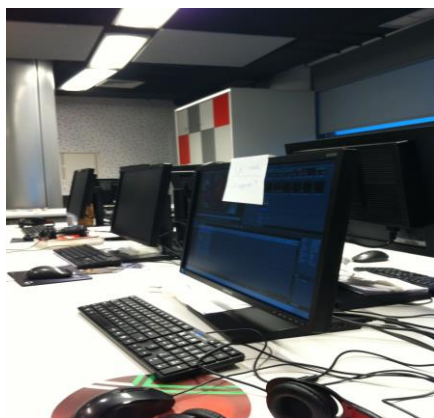
Outra preocupação do canal prende-se com conteúdo informativo, não é só de desporto que se faz a informação da BTV, o teor social e cultural não são esquecidos. Eu realizei algumas reportagens da Fundação Benfica que desenvolve projetos integrados nos quais se destacam a intervenção precoce sobre os fatores de exclusão.

As generalistas são outro dos exemplos de que referi anteriormente, um espaço dedicado ao que se passa de mais relevante no país e no mundo. Os jornalistas têm especial atenção à informação que aqui é passada, primeiro têm cautela quanto ao meio de comunicação de onde estão a tirar a notícia e posteriormente têm o cuidado de juntar toda a informação, não copiar nada e fazer o próprio texto, pois o plágio é uma grave falha profissional.

Apesar de a BTV ser o canal oficial do clube existe a recomendação quanto à linguagem utilizada nos textos. Numa peça que realizei sobre um dos jogos da final de basquetebol que colocava frente a frente Futebol Clube do Porto e Sport Lisboa e Benfica, fui chamada à atenção pelo editor, pois deixei-me levar um pouco pelas palavras confiantes, do treinador adjunto do Benfica e isso notou-se nos offs que escrevi. Só depois de refazer o texto, já mais contido é que a peça entrou no alinhamento do jornal.

Em suma, as questões deontológicas estão presentes na redação da BTV, todo o voo é feito de uma forma trabalhada, responsável e segura, porém há uma responsabilidade para com o clube e a audiência.

Imagem 9 – Redação BTV



Fonte própria

<sup>12</sup> Entrevista pessoal a Carina Bento – 14 de fevereiro de 2015

## CONCLUSÃO

O presente relatório resulta da realização de um estágio de cinco meses na BTV e que teve por objetivo perceber como funciona a redação de uma televisão de um clube de futebol através da integração nas práticas e rotinas dos profissionais.

Começámos assim por abordar as questões ligadas ao jornalismo em que o principal objetivo é informar a sociedade de forma objetiva e que segundo Beltrão (2006), para além de informar sobre os factos, o jornalismo também tem o compromisso de examiná-los, propor soluções e identificar ensinamentos deles extraídos. O tipo de notícias e o jornalismo que temos não fica de todo indiferente ao público, pois estes elementos influenciam de alguma maneira os pensamentos e a cultura de cada um (Kovach&Rosenstiel, 2004). Contudo, o jornalismo passa também por alguns constrangimentos tanto dentro como fora da redação e isso por vezes pode influenciar o método de trabalho como a realização da notícia, pois cada meio de comunicação apresenta uma política editorial. Assim o poder do jornalista foi-se alterando com o tempo, ou seja, se antes estava entregue a si mesmo, hoje já não é bem assim. Pois o jornalismo não é apenas um produto de ação individual, atualmente o jornalista faz parte de uma equipa redatorial, de uma empresa, da sociedade e isto leva a que a informação seja o resultado de uma produção em grande escala (Lazar in Correia, 1997).

A informação ao longo do tempo tem vindo a sofrer alterações e rapidamente passou a ser uma mercadoria e como tal está sujeita às leis do mercado, da oferta e da procura. Estas duas sobrepõem-se a outras regras, nomeadamente cívicas e éticas, que deveriam ser as suas (Ramonet in Halimi, 1998).

Também constatámos que são poucos os teóricos que encaram o jornalismo como “quarto-poder”. A maior parte são críticos a esse respeito, Mário Mesquita, William Safire e André Fontaine, defendem que a expressão está desatualizada.

O poder dos meios de comunicação social encontra-se condicionado por outros poderes da sociedade. É óbvio que os *media* apresentam um papel muito importante e indispensável numa sociedade e na organização do espaço público, porém, ao longo dos anos o poder político e económico tem condicionado de alguma forma a postura dos órgãos de comunicação.

Também abordámos dois dos conceitos que dão muito que falar no “mundo” do jornalismo, são eles, a imparcialidade e a objetividade. Ambos são dos valores mais importantes na informação jornalística.

O texto deve ser orientado pelas informações objetivas e não subjetivas, ou seja, nada de impressões e comentários de quem redige a notícia. Segundo Kunkzik (2001), a objetividade é como a identificação entre um facto e a sua descrição conforme a informação. Este valor está diretamente ligado à qualidade de um produto jornalístico.

Essa mesma pessoa objetiva deve também ser imparcial, dando voz a todos os lados, mostrando os diferentes ângulos, seja com as pessoas envolvidas, opiniões de especialistas ou até mesmo com dados estatísticos, para que deste modo se possa perceber e explicar tudo o que rodeia o assunto que está a ser noticiado. Quando um artigo não faz a diferenciação clara entre as interpretações do seu autor e os factos relatados estamos perante uma notícia parcial ou tendenciosa (MacLean, 1981).

Numa segunda fase falámos um pouco da evolução do jornalismo, em que os profissionais começaram a dedicar-se a temas mais específicos. Esta mudança deveu-se muito ao gosto mais particularizado do público. Nesta altura deu-se um reforço da especialização no meio jornalístico desportivo, o fator principalmente deste crescimento foi a diversificação das modalidades. Nesta especialização tal como nas outras, o profissional tem a incumbência de informar o público, de forma imparcial e com ética, os acontecimentos desportivos (Salviano, 2010).

O jornalismo desportivo ao longo dos anos sofreu grandes alterações e só no final do séc. XIX é que a imprensa portuguesa começou a dar algum destaque ao desporto. As mudanças foram grandes e hoje em dia os três diários desportivos que existem, são os responsáveis por uma grande parte das vendas dos jornais no país das cinco quinas.

Por falarmos em alterações, do papel ao *online*, foi outra grande mudança. A internet surgiu e rapidamente se implementou como um meio virtual de comunicação. Atualmente, a internet é mesmo considerada das ferramentas mais importantes para a obtenção e difusão da informação.

A introdução das novas tecnologias levou a alterações profundas, dando origem a uma maior rapidez, uma maior quantidade e ainda uma melhor qualidade no que diz respeito à recolha, ao tratamento e à transmissão de informação (Correia, 2000).

Atualmente, desporto é sinónimo de muito interesse e procura, e isso levou ao surgimento de uma nova ferramenta. Alguns clubes criaram os seus canais oficiais, de modo a chegarem mais perto do público com tudo aquilo que eles querem saber, seja informação sobre futebol, seja sobre as modalidades. A “febre” chegou mesmo aos três grandes de Portugal, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal e Futebol Clube do Porto.

Os clubes tornaram-se empresas líderes da promoção do espetáculo que é o futebol, porém, o jornalismo desportivo não aborda só o desporto rei, pois também abrange as outras modalidades (Santos in Pêgo 2015).

Perante esta nova realidade dos canais oficiais dos clubes quisemos saber e perceber como funciona a informação na redação da BTV.

Começamos por uma abordagem ao cenário português. A BTV, onde realizámos o estágio, coexiste com a Sporting TV e com o Porto Canal. Apesar disso, identificámos algumas diferenças entre estes canais. Os três estão associados a um clube de futebol, apresentam uma vasta programação, porém, têm percursos distintos e objetivos diferentes.

O Porto Canal é a televisão mais generalista dos três. Apesar de em 2015 o Futebol Clube do Porto ter adquirido o canal e hoje em dia haver mais conteúdos sobre o clube em questão, o público não se restringe aos amantes dos azuis.

A Sporting TV tal como o Porto Canal é um canal em sinal aberto, porém os seus conteúdos são exclusivamente dedicados a um público-alvo, ou seja aos seus adeptos. Já a BTV, ao contrário das televisões referidas anteriormente, é um canal pago. No início era um canal em sinal aberto, com informação meramente institucional, com o objetivo de estar mais perto e levar tudo sobre o Benfica aos sócios e adeptos do clube. Atualmente, o canal tem de produzir conteúdos que as pessoas estejam dispostas a pagar para ver, a BTV não trabalha na lógica da audiência, mas sim dos assinantes. Presentemente, o público-alvo não são só os benfiquistas, são todos aqueles que se interessam por desporto.

Procurando relacionar com os conceitos de objetividade e imparcialidade no jornalismo, diremos que, a partir das entrevistas aos profissionais da BTV conseguimos identificar alguma preocupação com estas matérias. Nomeadamente, quando nos foi referido que não divulgam informações falsas, não fabricam informações conforme as convicções, nem transformam a realidade. Os profissionais falam de um tratamento estritamente jornalístico cumprindo as regras de cada formato jornalístico. E, tal como todas as redações e empresas de comunicação, a BTV também apresenta uma linha editorial e é um canal autorizado pela ERC e como tal os profissionais têm de responder a determinados critérios naturais como em todos os meios de comunicação.

Contudo, apesar da perceção dos profissionais, não significa que seja mesmo jornalismo, uma vez que se trata de um canal ligado a um clube, cujos conteúdos dos noticiários são sobretudo sobre notícias do Sport Lisboa e Benfica. E, tal como diz um das nossas entrevistadas, a informação tem obrigatoriamente de ser verdadeira, rigorosa e isenta, mas naturalmente que não faria sentido ser totalmente imparcial, exatamente porque noventa

por cento dos jornais são preenchidos com notícias referentes ao clube. Para além dos conteúdos, uma das entrevistadas referiu ainda que a informação é isenta e imparcial, porém, existe uma responsabilidade para com o clube e a audiência.

Ao longo dos cinco meses de estágio na redação encontrei e confirmo com as entrevistas, que existem processos, rotinas e normas éticas e deontológicas do jornalismo que são seguidas pela BTV. A preocupação em ter autorizações para tirar imagens e entrevistar menores, permissões para fazer reportagens em espaços privados, o cuidado dos profissionais em noticiar a verdade ao público, são só alguns dos exemplos que experienciei.

A realização deste estágio na BTV e a posterior análise das entrevistas realizadas aos profissionais, permite-nos concluir a existência de um conjunto de normas e procedimentos em tudo semelhantes aos que encontramos no jornalismo. Por outro lado, é preciso não esquecer que muitos dos profissionais da BTV têm formação e experiência na área do jornalismo o que, só por si, pode justificar a migração desses processos para a redação desta televisão.

Seria importante continuar a estudar este fenómeno dos canais oficiais dos clubes, de modo a se perceber melhor que papel desempenham no cenário da informação desportiva em Portugal e na Europa e até que ponto a objetividade e a imparcialidade “ entram” na informação destes canais. Por um lado os dois valores parecem estar presentes no trabalho dos profissionais, mas por outro, existem algumas dúvidas exatamente por estas televisões estarem ligadas oficialmente aos clubes e por haver uma certa responsabilidade perante a instituição.

## BIBLIOGRAFIA

Bastos, H. (2000). *Jornalismo electrónico. Internet e Reconfiguração das Práticas nas Redações*. Coimbra: Minerva.

Breed, W. (1955/1993). *Social control in the newsroom: a functional analysis*. Utilizada tradução portuguesa: *Controlo social na redacção: uma análise funcional*, in Traquina, N. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*, Lisboa: Vega.

Borlido, P. (2010). *A Imprensa Desportiva do papel ao online: O Exemplo do Jornal Record*. Universidade do Minho. Disponível em:

URL:<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41017/1/Pedro%20Miguel%20Rodrigues%20Borlido.pdf> (consulta realizada no dia 20 de setembro de 2016)

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Lda.

Coelho, J. N. (2004). *Vestir a camisola – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol*, in *Media & Jornalismo* nº 4.

Correia, F. (1998). *Os Jornalistas e as Notícias*. Editorial Caminho.

Correia, P. (2011). *Fontes de informação 2.0: estudo de caso nos media da Beira Interior*. Universidade da Beira Interior. Disponível em :

URL:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2011-ana-correia.pdf> (consulta realizada no dia 20 de setembro de 2016)

Costa, L. (2011). Ser Jornalista Desportivo em Portugal. Blog de Jornalismo Especializado, Universidade Lusófona Porto. Disponível em:

URL:<http://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/37292.html> (consulta realizada no dia 10 de setembro de 2016)

Derieux, E. (1978). “Agências Noticiosas”, *Guia alfabético das comunicações de massa*. (direção Jean Cazeneuve), tradução Licínio Martins, Cascais Franco, Orlando Neves e Raquel Silva. Lisboa: Edições 70.

Fernandes, M. (2011). A dicotomia do jornalismo desportivo em Portugal: futebol versus modalidades, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em:

URL:[https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=504975](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=504975) (consulta realizada no dia 10 de setembro de 2016)

Hacket, A. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos. In Traquina, N. (2002) *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos.

Halimi, S. (1998). *Os Novos Cães de Guarda*. Oeiras: Celta, 1998.

Kovach, B.& Rosenstiel, T. (2005). *Os Elementos do Jornalismo*. Porto Editora.

Kunczik, M. (2001). *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Edusp.

Lopes, R. O poder dos Media na Sociedade Contemporânea. Universidade da Beira Interior. Disponível em:

URL:<http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>

(consulta realizada no dia 8 de setembro de 2016)



Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Minerva Coimbra.

Pêgo, L. (2015). Os Estudos de Género e os Media – Uma análise à percepção das jornalistas sobre o jornalismo desportivo em Portugal. Escola Superior de Educação de Portalegre. Disponível em:

URL:<http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/12658/1/Tese%20de%20Mestrado%20-%20Liliana%20P%C3%A7o.pdf> (consulta realizada no dia 10 de setembro de 2016)

Pena, F. (2006). *Teoria do Jornalismo*. 2.ed. São Paulo: Contexto.

Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. 1.ed. Porto: Edições Afrontamento.

Salviano, A. (2010). *Jornalismo Desportivo, Mundo dos jornalistas, Brasil*.

Acedido através da internet. Disponível em:

URL:<http://mundodosjornalistas.blogspot.pt/2010/08/jornalismo-esportivo.html> (consulta realizada no dia 17 de setembro de 2016)

Santos, C. A. (2012). *Jornalismo Desportivo: A notícia em televisão e as fontes de informação dos jornalistas. Relatório de estágio na TVI. Universidade Nova de Lisboa (Mestrado em Jornalismo)*. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/9162/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1dio%20-%20TVI%20-%20Mestrado%20em%20Jornalismo.pdf> (consulta realizada no dia 17 de setembro de 2016)

Sobral, L. & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao jornalismo desportivo*. Cenjor e Cnid.

Traquina, N. (1995). *Jornalismo: Questões, teorias e histórias*. Lisboa: Vega.

Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo?* Quimera.

Traquina, N. (2002). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo. RS: Ed.Unisinus.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Volume 2. Editora: Insular.

#### **Sites institucionais consultados:**

Benfica TV - <http://www.slbenfica.pt> (consulta realizada no dia 28 de setembro de 2016)

Porto Canal - <http://portocanal.sapo.pt/> (consulta realizada no dia 28 de setembro de 2016)

Sporting Clube de Portugal -<http://www.sporting.pt/> (consulta realizada no dia 28 de setembro de 2016)